

Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias

Universidade de Coimbra



DE GÓIS PARA GÓIS

Estratégia de Evolução

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Orientada pelo Professor Doutor José António Bandeirinha

Diana Filipa Fernandes Bandeira | Coimbra, Julho 2012



Articular Dinamizar | Regenerar Densificar

Agradecimentos

Ao Professor Doutor José António Bandeirinha,
pela compreensão, dedicação e orientação.

À Câmara Municipal de Góis,
pela sua disponibilidade.

Ao Professor Doutor João Simões e ao Professor Doutor Vítor Claro,
pela disponibilidade e apoio.

À Mirita e ao Paulo,
pelas fotografias.

À Christina, Fábio, Sofia, Lisa, Luisa, Vânia, Sara, Claudete, Inês e Lili, a todos os meus
amigos
pelo companheirismo, pelos desabafos e risadas.

Ao meu mano,
pelas dores de cabeça, apoio e risos.

Aos meus avós,
pelo imenso carinho e apoio.

Ao Diogo,
pelo incansável apoio, admiração, suporte e ...

Aos meus pais,
que tão incansavelmente me apoiaram e estiveram comigo em todos os momentos.

Muito Obrigada!

À minha mãe

Esta dissertação é dedicada à pessoa que sempre esteve ao meu lado e me apoiou, que mais me incentivou nestes anos todos de estudo e aprendizagem. À pessoa que mais orgulho teve em mim e nunca deixou de acreditar, mesmo nos momentos em que eu duvidava, e que infelizmente não teve a oportunidade de ver este meu sonho realizado.

À minha mãe, minha grande amiga, Ana Paula Brás Fernandes Bandeira.

Amo-te muito mamã!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. DE GOES A GÓIS. 9 Séculos de existência	11
Goes. Evolução de um aglomerado urbano	15
Dinastia dos Goes.	21
Dinastia dos Silveiras.	25
Dinastia dos Lencastres.	33
O Liberalismo.	37
A República Parlamentar.	43
O Estado Novo.	45
Góis. A Vila Hoje.	51
Dois estados de evolução.	55
Góis Actual.	61
O PDM	63
A Dimensão Social.	71
Góis Amanhã.	75
2. PARA GÓIS. Perspectivas de Futuro.	79
Desejo. Necessidade de Regeneração.	83
Área de Intervenção	89
Góis Futuro. A Estratégia.	97
A margem esquerda.	103
A ligação entre margens	115
A margem direita.	119
A estratégia global.	127
CONCLUSÃO	131
BIBLIOGRAFIA	135
APÊNDICES	151

INTRODUÇÃO

um dos meus lugares, com todos os passados que me conformaram e com um projecto de futuro em que posso colaborar: transformá-la, justificadamente pela sua imensa riqueza cultural, num lugar central, ajudado pela sedução da forma artística, encontrar nele pretexto para intervir, descomplexadamente, no debate pós-moderno da cidade contemporânea.¹

Esta dissertação tem como tema base a evolução de tecidos urbanos fragmentados e desarticulados. Esta escolha não foi acidental. O diálogo sobre a cidade está na ordem do dia e Portugal apresenta cidades e vilas – aglomerados urbanos – difusas, ineficientes e inestéticas, sem perspectivas de futuro.

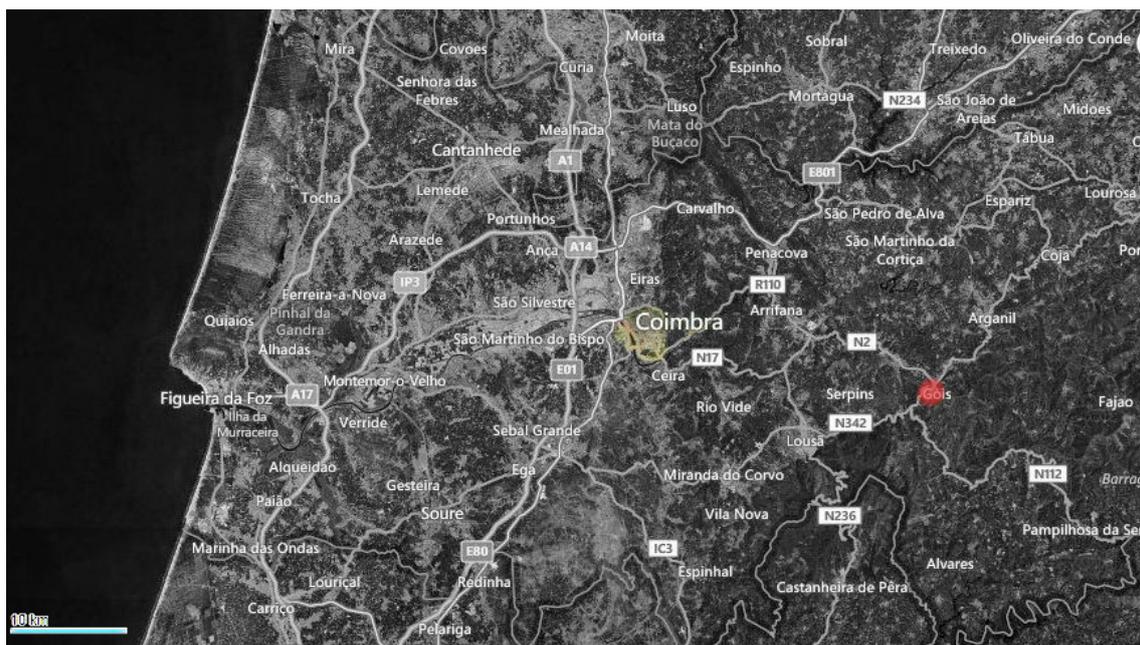
É neste contexto que reside a escolha de Góis como objecto de estudo e trabalho. Uma vila do Pinhal Interior Norte e sede de concelho com o mesmo nome. Quando fui viver para Góis, encantei-me com a situação geográfica, a relação com a paisagem e pelo património edificado. Porém, este fascínio depressa foi absorvido pelas desilusões que senti ao percorrer as áreas de urbanização mais recentes.

O seu tecido urbano apresentava até início do século XX grande coerência. Posteriormente, sofre uma grande estagnação e nos últimos 30 anos é alvo de um crescimento descontrolado, com graves prejuízos estéticos, ambientais e funcionais. O processo de evolução de Góis não foi muito distinto de outros centros urbanos de pequena dimensão.

¹ COSTA, Alves – Notas Soltas sobre Arquitectura, História, Nostalgia e Construção. In Arquitectura Ibérica nº18, p. 9



1| Localização do concelho de Góis.



2| Góis. Localização e Acessibilidades.

Fenómenos como a emigração da população para centros urbanos mais dinâmicos ou para as grandes cidades, a consequente estagnação populacional e mais tarde novas transformações, com o retorno de habitantes ao seu lugar de origem ou mais recentemente o turismo de massas, introduziram alterações de escala que afectaram a sua identidade física e cultural. Góis é uma vila de vivências estáticas, descaracterizada e descentralizada.

Quando já existe em Portugal uma consciência de que foram cometidos erros urbanísticos graves no passado que se devem corrigir, visa-se com este estudo sensibilizar para a necessidade de intervir no tecido urbano como um todo, com uma visão integrada e abrangente.

Nos últimos anos tem sido cada vez mais discutida a questão da valorização ambiental e da qualidade de vida de aglomerados urbanos associada à requalificação de espaço públicos.

As intervenções realizadas a partir do programa POLIS são um exemplo que pode ser viável para Góis. O principal objectivo deste programa consiste em *melhorar a qualidade de vida nas cidades, através de intervenções nas vertentes urbanística e ambiental, melhorando a atractividade e competitividade de pólos urbanos que têm um papel relevante na estruturação do sistema urbano nacional*². Entre outros, desenvolveram-se acções que contribuíram para a requalificação e revitalização de aglomerados urbanos e promoveram a multifuncionalidade, aumentaram zonas verdes, promoveram áreas pedonais e condicionaram o trânsito automóvel em centros urbanos. Geraram uma nova centralidade fundamental para as cidades.

*Actualmente as cidades necessitam promover a sua identidade e as suas qualidades para se afirmarem e diferenciarem (...)*³

Em Góis, existe património histórico, urbano e arquitectónico, de grande qualidade, mas não existe um património recente de referência com valor representativo. Não existe qualquer marco relevante que a marque como vila viva e contemporânea. Escassa em projecto e desenho urbano, falta-lhe visivelmente uma continuidade.

² Programa Polis. WWW:URL:<http://www.costapolis.pt/artigo.php?id=16101210&m=1>

³ Francisco, Marlene Duarte - *Espaço Público Urbano: Oportunidade de Identidade Participada*, p.1.



3| Góis visto de cima.

Deste modo, considera-se pertinente aproveitar uma oportunidade e realizar um estudo de estratégia de evolução. A constatação de que o melhor aproveitamento dos vazios deixados pela fragmentação poderá solucionar as muitas carências remete para a necessidade de unificá-los, requalificá-los, e articulá-los com o tecido urbano existente.

Esta dissertação pretende realizar um estudo estratégico de GÓIS PARA GÓIS.

Objectivos

François Ascher defende que o desenvolvimento urbano se deve apoiar numa questão de *marketing urbano* e que o urbanismo deve ser apoiado em projectos urbanos polivalentes - com diversas tipologias funcionais. Mais importante do que fazer cidade é fazer melhor cidade, aproveitar o que a cidade já tem, reavivando-a. É necessário olhar para o passado, pensar no presente e preparar o futuro. Ir ao tecido urbano e ver o que aí está disponível para a regenerar.

Em Góis, uma vila de pequena dimensão, o lazer e o turismo são factores que podem proporcionar algum sentido de desenvolvimento, porém estes têm a desvantagem do seu carácter sazonal. Góis é procurado com grande afluência no Verão, pelas águas límpidas do Ceira e as suas praias fluviais. Uma das problemáticas deste estudo prende-se na solução para transformar em permanente este dinamismo de carácter aparente. Como reestruturar Góis para que este se torne um espaço agradável para se viver no quotidiano?!

Deste modo, o objectivo principal deste trabalho é a reabilitação de Góis. Pretende-se reflectir sobre qual a forma de transformar qualitativamente a sua estrutura urbana e de lhe proporcionar o dinamismo inerente ao exercício de uma cidadania plena. Uma das motivações deste estudo prende-se na intenção de estimular a Câmara Municipal de Góis para um desenvolvimento sustentável da vila e consequentemente de demonstrar aos seus cidadãos que ainda é possível inverter o sentido com que evolui Góis, que nem tudo está perdido!

Metodologia

A metodologia usada no presente trabalho foi, primeiramente, a pesquisa, recolha e análise de informação sobre Góis, para perceber a evolução da vila, o que ela foi e o que é agora. No decorrer do processo de pesquisa foram encontradas algumas dificuldades, relacionadas com a escassa informação sobre este caso de estudo. Deste modo, as fontes bibliográficas encontradas foram de extrema importância, as quais com a ajuda de habitantes mais velhos da vila me ajudaram a fundamentar a base teórica deste estudo. No decorrer da elaboração desta base teórica, foi feito algum trabalho de campo, levantamento de alturas, das condições aparentes e das utilizações actuais dos edifícios, uma vez que os elementos gráficos recolhidos e fornecidos pela Câmara Municipal se mostraram insuficientes.

Seguidamente, cruzou-se a base teórica sobre a evolução da vila com os mais recentes discursos sobre a cidade, de forma a organizar e definir ideias e objectivos principais para desenhar a estratégia.

Após a recolha de todos os dados iniciou-se a intervenção. A partir de elementos gráficos recolhidos na primeira fase começaram a surgir os primeiros esboços. As peças desenhadas foram adaptando-se e desenvolvendo-se até atingirem uma consistência capaz de ilustrar a estratégia para Góis. Em simultâneo foi elaborada uma memória descritiva do projecto com a finalidade de explicar o que os desenhos não conseguem por si sós.

Para finalizar integrou-se a componente teórica com a prática, de modo a produzir uma dissertação coerente.

Estrutura

A dissertação é composta por dois grandes Capítulos, DE GOES A GÓIS e PARA GÓIS, ambos divididos em subcapítulos.

No primeiro capítulo apresenta-se um enquadramento contextual, geográfico, histórico, social e cultural. Para compreender o que existe actualmente na vila é

preciso entender o que se passou. No subcapítulo GOES, faz-se um retrato da evolução urbana de Góis desde a sua formação até ao período de grande expansão no último século. A situação actual da vila é dada a conhecer no subcapítulo GÓIS, desde as mais recentes fases de evolução e motivos que contribuíram para tal aos projectos previstos para a vila, passando por uma análise do PDM e da dimensão social da vila.

O segundo capítulo é dedicado às perspectivas de futuro para Góis. O primeiro subcapítulo designa-se de DESEJO e expressa numa primeira parte as motivações e as ideias do projecto e seguidamente, faz a caracterização da área de intervenção. A estratégia revela-se no último subcapítulo designado de GÓIS FUTURO. Apresenta-se uma memória descritiva e justificativa que, conjuntamente com os elementos gráficos rigorosos à escala 1/1000 e 1/500 (em Apêndices), descreve o projecto estratégico proposto.

DE GOES A GÓIS

9 Séculos de Existência

A idade de Góis pode ser avaliada por um primeiro documento de referência datado de 1105, *sendo portanto, ainda vivo D. Afonso VI de Castela, duvidando-se, contudo, se o nosso Condado já tinha foros de independência sob o governo do conde D. Henrique*⁴. Em consequência de um incêndio que destruiu o edifício da Câmara Municipal, em 1887, e conseqüentemente, parte do arquivo, não existem notícias nem factos interessantes da história de Góis durante o período de domínio castelhano até à restauração de 1640.

Apesar de Góis só aparecer referenciado em 1105 e nos aparecer referido como território com identidade própria, aquando da sua doação em 1114, supõe-se que sob o domínio romano e, posteriormente, visigótico e muçulmano tenha existido como uma comunidade com organização administrativa própria.

Pensa-se que este local tenha sido habitado, ou pelo menos, usufruído, desde os tempos pré-históricos, presumindo pelos inúmeros artefactos e manifestações de arte rupestre encontrados que documentam parte dessa vida. E densamente explorado, no período de ocupação romana, pela sua riqueza em minério - entre os quais o ouro e estanho e pela existência de rotas comerciais que o atravessavam, interligando centros da Hispânia ocidental, assim como por pequenos vestígios encontrados - moedas e brincos. Crê-se que as minas que se encontram em Góis sejam deste período, apesar de estas nunca terem sido percorridas.

⁴ SIMÕES, João Alves – Etnologia Portuguesa: Uma achega para o estudo geo-histórico-etnológico da freguesia de Góis, p.19.

Goes

Evolução de um aglomerado Urbano

O nome Góis, anteriormente escrito Goes, deriva - *segundo Joseph M.Piel, in os nomes germanicos na toponimia portuguesa, I*⁵ - da palavra Goiici, de origem Goda. Os Godos eram um povo germânico, que invadiu a península ibérica durante a decadência do Império Romano.

De acordo com estas origens supõe-se que um chefe Godo se tenha fixado neste lugar, hoje designado por *Goes Velho*, fundando a vila. Esta povoação situar-se-ia a jusante - a noroeste - do actual centro histórico, na margem esquerda do Rio Ceira. Adjacente ao *Goes Velho*, ficava o terreno público do concelho - o Lugar da Forca. Não se acredita, apesar de esta ser uma designação mais recente, que um lugar tão longe da posterior vila fosse para tal instrumento Mas, que este nome venha do facto de, este ser como uma *praça ou terreiro do publico*⁶, da então povoação. Pouco mais se sabe deste início, a não ser pela toponímia deixada e por histórias antigas de ruínas.

Do período de invasão árabe, tudo o que se conhece são pelas escassas histórias que passaram de geração em geração. Porém deverá ter sido durante esta época que a vila se fixou no actual lugar.

O porquê desta mudança é outro facto da história de Goes, que permanece apenas por hipóteses.

⁵SIMÕES, João Alves – *Etnologia Portuguesa: Uma abordagem para o estudo geo-histórico-etnológico da freguesia de Góis*, p. 20.

⁶RAMOS, Mário Paredes – *Arquivo histórico de Góis : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Gois*. Vol. I, p. 127.

As lutas entre cristãos e árabes foram intensas nesta região, podendo o *Goes Velho* ter desaparecido nesta época. A mudança para o actual lugar, na margem direita do rio, poderá ter a sua justificação pela existência de uma torre de vigia, construída no morro do Castelo - actualmente assim designado - que mantendo a vigilância da margem esquerda, protegia melhor uma povoação na margem direita.

A existência de um castelo em Goes mantém-se actualmente como uma hipótese. Apesar da toponímia, da tradição local e de referências de documentos antigos, que indicam que *alguma coisa houve que se chamou castelo*⁷ não era uma povoação importante, onde tal defesa se justificasse. O que pode ter existido é uma simples atalaia, parte da linha de defesa de Coimbra, para alertar a aproximação de inimigos, assim como o da Lousã.

nostro castro de Goes, et Burleiro cum omnibus suis locis, -

*ipsum Castrum de Goes, et de Burleiro cum suis terminis*⁸

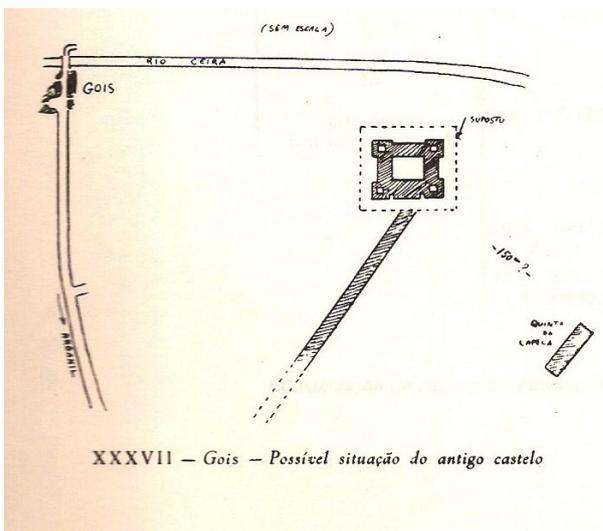
Outra hipótese e talvez a mais fiável data de 1956. O geólogo Eng. Mitchell, encontrou umas fundações, de provável origem romana, no centro da Quinta da Capela - *a cerca de 150m. da casa da Quinta, na direcção de Goes, se destacava o nítido desenho de um castelo rectangular torreado de quatro torres, com nítido caminho na direcção de Arganil, caminho esse que estando desligado do castelo deixaria supor ser este circundado de agua(existencia de uma ponte levadiça?). Essas fundações teriam talvez uns 100 m. de lado*⁹.

A ser verdade, a hipótese supracitada, esta sustenta a localização do Goes Velho e explica a designação de D. Teresa, na carta de doação, *de Goes, et Burleiro* - um castelo mais antigo que a doação, que bem poderia ter origem romana, como suposto, sendo Góis um centro de recolha de minério ou de comando da região mineira romana, - daí as grandes lutas entre os senhores de Goes, no tempo de D. Dinis, ainda se terem passado à volta desse *castelo ameadado*.

⁷ *Ibidem*, p.230.

⁸ Carta de Doação: « nosso castelo de Goes, e Bordeiro com todos os seus lugares,-
próprio castelo de Goes, e Bordeiro com os seus termos »

⁹ *Ibidem*, 241.



4| Hipótese da localização do castelo.
Desenhada pelo Engenheiro Stanley Mitchell

Tendo sido construído ou pelos romanos ou pelos árabes, em qualquer dos casos é anterior à monarquia. Perdida a sua necessidade, acabaria por ficar abandonado e cair, ficando em Goes, durante séculos, apenas o nome do local, (...) até D. Luiz da Silveira mandar lá fazer uma capela.¹⁰

A existência do castelo - do *castrum* - e o porquê da mudança da implantação da povoação são uns dos aspectos do passado de Goes que se perderam no tempo e do qual não há registos ou achados. Contudo, o desenvolvimento deste aglomerado urbano vai ser deveras marcado pelo relevo acidentado e a presença do Rio Ceira.

Em 1064, D. Fernando I, rei de Castela e Leão, reconquista definitivamente Coimbra. Nesta época de formação do reino foram doados territórios livres, encorajando a organização de poderes locais, para defesa e repovoamento. Goes foi para senhorios leigos, nobres e pessoas de família de posição elevada.

Dinastia dos Goes . Do senhorio ao morgadio

Em 1114, D. Teresa doa este território a Anaia Vestrares, que seria o fundador e patriarca da família Goes.

A época de senhorio da família Goes dura até 1458 e é caracterizada por uma sociedade bipartida - homens livres e homens de dependência servil. Este senhorio vai sendo consolidado ao longo do tempo através da instituição de morgadio, cartas de foro, da edificação dos paços senhoriais e da sua própria jurisdição.

Em 1283, travam-se lutas sangrentas entre grupos familiares que se julgam com direitos às terras de Goes. Reconquistada a paz e o poder, Vasco Farinha, 6º senhor de Goes, demarca novos limites do senhorio e institui um morgadio. Abre-se um novo ciclo na vida de Góis. O sistema de morgadio permitiu a continuidade do património e

¹⁰ *Ibidem*, p.232.



5| Casa Alice Sande. Localização dos *Passos Velhos*.



6| Antigas cavaliças.
Actualmente a actual sala de conferências da Casa do Artista.



7| Rua da Roda no início do século XX. Actual Rua de Santo António.

a consolidação de um espaço municipal, que *se foi firmando ao longo do tempo*¹¹. Mais tarde, Goes seria inserido na administração do reino como unidade concelhia.

Os paços, dos quais subsiste parte da parede norte com uma janela ogival - hoje pertencente à casa Alice Sande, situar-se-iam na zona mais central da povoação, *no Largo do Pombal, no quarteirão que fica entre as ruas do Celeiro e da Quinta. (...) Informa o Tombo que ali eram as suas ruínas*¹². A toponímia dos lugares leva a crer que a norte, para a Rua do Celeiro, estariam as dependências de recolha de rendimentos em géneros e no largo supracitado ficaria o pombal dos senhores. As cavaliariças e as estrebarias, também eram fora, a sul na direcção da Igreja.

Sem a existência de um castelo, tudo indica que este fosse um paço de carácter defensivo, edificado logo após a doação. Caso se confirme a presença de um castelo, e não apenas de uma atalaia, estes *Passos Velhos* - residência dos senhores - teriam sido edificados perto do fim da dinastia dos Goes, em meados do século XIV, na época de Vasco Pires Farinha.

A Igreja pensa-se ter sido mandada construir, no século XII, por Anaia Vestrares - os senhores de Goes mantiveram sempre uma acção sobrelevada nas relações com a Igreja, tendo *direito ao padroado desde os primórdios da doação. (...) um privilegio associado à edificação de igrejas*¹³. Foi edificada, possivelmente, a partir da *reconstrução de um templo moçárabe já existente, mas não se tem indício neste sentido*¹⁴. Pouco se conhece da sua traça nesta época.

Sabe-se, porém que por ali - adjacente à igreja supramencionada - passava uma das entradas da vila - sensivelmente idêntica à rua que actualmente liga o Largo do Pombal à Igreja Matriz.

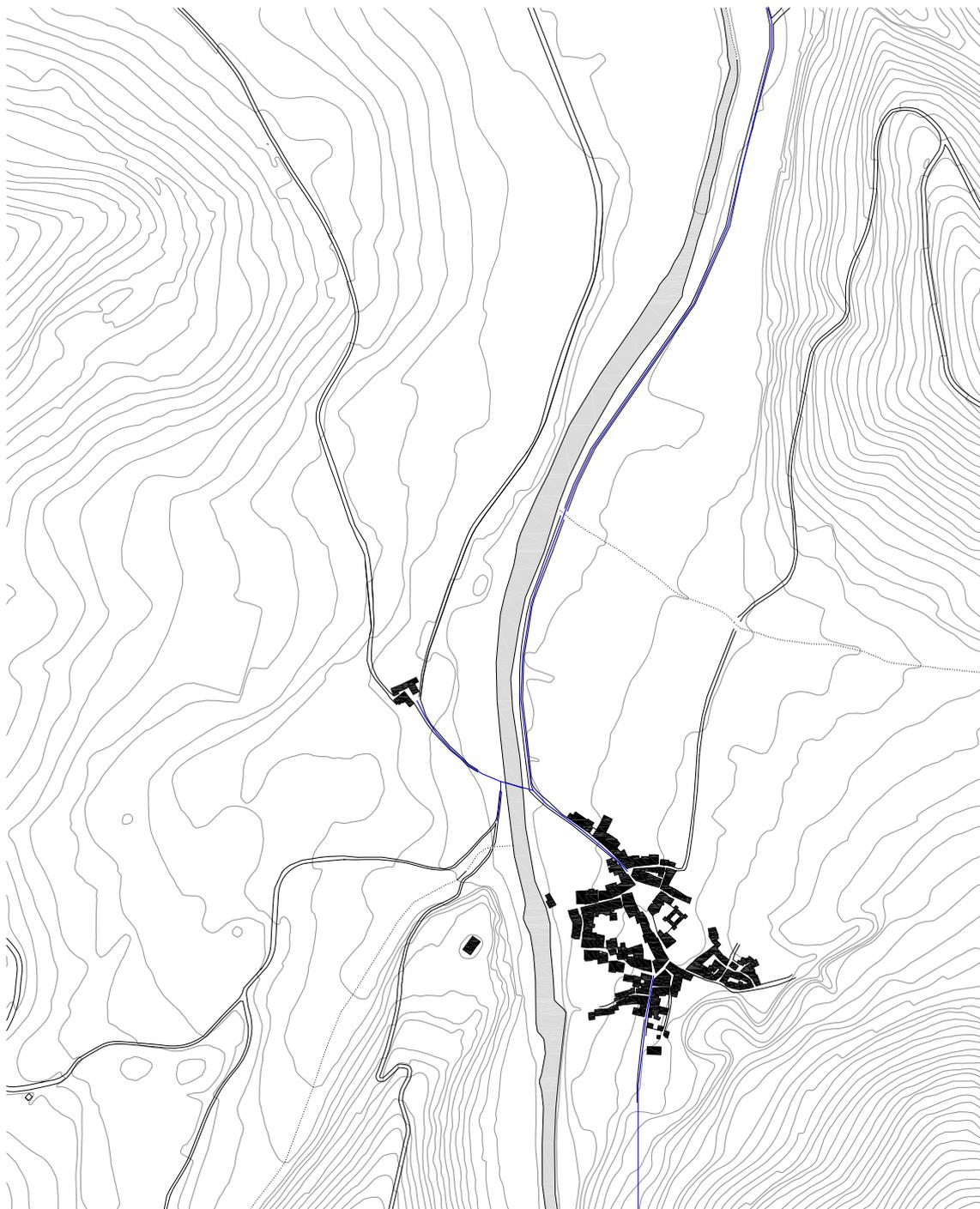
A provável entrada principal da vila efectuava-se pela actual Rua de Santo António (ex-Rua da Roda), existindo um caminho à beira rio em direcção a Coimbra e Arganil, e passando o rio a vau, com destino a outras povoações. Na margem esquerda do rio,

¹¹ RAMOS, João Nogueira - *O Concelho de Góis : ensaio de reconstituição da sua história (do século XII ao século XXI)*, p. 38.

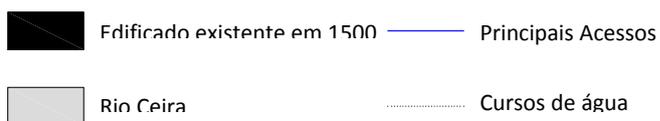
¹² RAMOS, Mário Paredes - *Arquivo historico de Góis : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Góis*. Vol. I, p.242.

¹³ RAMOS, João Nogueira - *O Concelho de Góis : ensaio de reconstituição da sua história (do século XII ao século XXI)*, p. 41.

¹⁴ *Ibidem*, p. 42.



8| Planta de Goes no ano 1500 . Escala 1/8000



O núcleo de origem de Goes desenvolveu-se de modo linear, segundo um eixo do rio à igreja (na continuidade dos principais acessos).

A construção dos *Passos Velhos*, no actual Largo Francisco Inácio Dias Nogueira, gerou uma centralidade. A partir deste momento, a malha urbana agrega-se e cresce com uma expressão radiocêntrica.

existe um aglomerado, o qual penso que será desta época, não só pela idade aparente das habitações, como pelo traçado das artérias, da ideia de continuidade de uma via em relação à principal entrada de Goes.

O núcleo habitacional a nascente dos *Passos Velhos*, pelas suas características e traçado, leva a crer que será da época dos primeiros senhores de Goes. Já nesta altura funcionariam como casas de habitação dos trabalhadores das terras.

Dinastia dos Silveiras. A época áurea

*Goes inicia a segunda etapa na sua história, com os Silveiras, em seguimento a uma quebra de varonia, quando da passagem dos tempos medievais para os modernos*¹⁵.

Os Silveiras foram donatários de Goes durante dois séculos. Numa época de mudança do pensar e do agir, do emergir do homem humanista. Tempo de euforia, em que Portugal se aventurava pelo mundo, por novas terras, conhecendo novas gentes.

Em Goes, *terra onde o progresso dificilmente poderia chegar - no interior serrano*¹⁶ conjugam-se condições para se alterar a sua morfologia. Ao longo do século XVI, Goes conhece um período de grande desenvolvimento patrimonial e espiritual.

D. Diogo Martins da Silveira, 15º senhor de Goes, 1º da dinastia dos Silveiras, casa com Beatriz Lemos de Goes, último donatário da dinastia dos Goes. Administram as terras de Goes, até ao falecimento do primeiro, em 1521. A partir desta data é o filho, D. Nuno Martins da Silveira, que ajudando a mãe, enquanto donatária, tem um papel relevante no progresso da vila. Durante o seu domínio é estabelecido o foral manuelino e feito o projecto da ponte de três arcos sobre o Rio Ceira¹⁷ - *a nova porta*

¹⁵ *Ibidem*, p. 41.

¹⁶ *Ibidem*, p.71

¹⁷ A ponte de três arcos adquire, devido ao período em que foi edificada, a designação de Ponte Manuelina.



9|Ponte Manuelina sobre o Rio Ceira. O vazio urbano visível nesta imagem, atrás da ponte, corresponde à localização dos *Paços Novos*.



10|Ponte Manuelina sobre o Rio Ceira. Localização actual da Praia Fluvial da Peneda, a montante da ponte (atrás).

*majestosa de entrada para o interior da vila*¹⁸ - de tabuleiro côncavo e silharia regular, apresenta, ainda hoje, forte destaque visual. O seu filho primogénito - D. Luís da Silveira, I de Goes - herda este senhorio em 1528, perto do período final da sua vida - morre em 1533 - mas dota a vila de grande património. Nesta época, Goes assiste a um dos períodos de maior evolução.

Na primeira metade do século XVI, D. Luís da Silveira manda erguer um conjunto de edificações, que no seu conjunto valorizaram o património da vila. Entre elas, a capela-mor da Igreja Matriz, com o seu túmulo, a Ermida da Nossa Senhora da Assunção e os Paços Novos, junto ao rio.

Pouco se sabe sobre a Igreja Matriz antes desta época, apenas se conhece a sua existência por um documento de 1452, que se refere também à sua *crasta*, com serventia particular ao padre para a sua habitação. Deste possível claustro manteve-se apenas o nome do local, a poente da igreja - Crasta. Este espaço terá sido demolido aquando da intervenção de D. Luís da Silveira. Nesta reabilitação mandou fazer uma nova capela-mor no local da anterior - *Um túmulo renascença*¹⁹ - uma obra de Diogo Castilho.

Do século XVI, na Igreja Matriz, é também a capela das Almas e do século XVII, a capela de São José ou dos Barretos, mandada construir por Antonio Rodrigues Barreto – capitão-mor de Goes.

A Ermida da Nossa Senhora da Assunção foi mandada edificar no morro do Castelo. É uma capela de planta longitudinal regular composta por dois volumes desiguais *abobados sobre nervuras toradas de arcos plenos*²⁰. Com a extinção dos morgadios, fica abandonada, apresentando princípios de ruína quando é mandada restaurar e aberta ao culto, em 1936.

Com a ponte de três arcos a ligar as duas margens do rio Ceira, a vila ganha uma nova centralidade. As razões da sua localização são, até hoje, desconhecidas contudo,

¹⁸ *Ibidem*, p. 71.

¹⁹ RAMOS, Mário Paredes - *Arquivo histórico de Gois : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Gois*. Vol. I., p.159.

²⁰ *Ibidem*, p. 235.



11 | Ermida da Nossa Senhora da Assunção

deverá ter-se tido em conta o leito de cheias do rio, o forte declive da margem esquerda e a expansão da vila, que daí se aproximava. A construção dos Paços Novos só vem contribuir para esta nova dinâmica. Na margem direita do rio, imediatamente a norte da ponte, D. Luís da Silveira manda edificar a sua nova habitação, com serventia particular ao rio e porta principal a sul, virada para a ponte, sobre o terreiro. Era um edifício com um corpo central de um piso, para o qual se subia por uma ampla escada de cantaria, que se formava a meio de um espaçoso pátio, *aberto para o lado da rua da Ponte, e contiguo ao pomar e á horta*²¹. Com 60 metros de comprimento por cerca de 20 metros de largura, compreendidos entre duas torres.

*(...) reunia uma solidez que desafiaria os séculos, se a mão do homem não apressasse a sua ruína.*²²

D. Diogo da Silveira - 18º senhor de Goes - toma posse dos seus bens em 1533. Vive nestes novos Paços por bastante tempo - é ele quem manda construir o hospital de Goes, verificando assiduamente as suas obras. Por sua morte, levanta-se uma contestação entre o seu segundo filho e o neto - filho do falecido primogénito. Este é o primeiro período de declínio dos Paços Novos. Com a extinção dos morgadios e doações régias no principio do século XIX, ficam ao abandono e *toda a vizinhança foi, não só abrindo janelas, como já o dizia também o Tombo, mas apropriando-se das cantarias*²³, restando apenas o nome do local - *O Paço*. Perduram apenas, a Torre Fundeira em ruínas, mais tarde adaptadas a uma habitação e o terreiro que passaria a rua pública.

O Hospital mandado construir no século XVI, teve como função inicial abrigar peregrinos e pobres e conceder-lhes um agasalho. Edificado num espaço contíguo ao Paços Velhos, mandados restaurar por seu pai aquando a construção dos Paços Novos, mantêm um pátio em comum - a claustro do hospital e o jardim dos *Passos Velhos* - no qual se confundem serventias.

²¹ *Ibidem*, p. 253.

²² *Ibidem*, p.252 - 253.

²³ *Ibidem*, p. 252.



12| Edifício do Hospital na Praça da República, no início do século XX

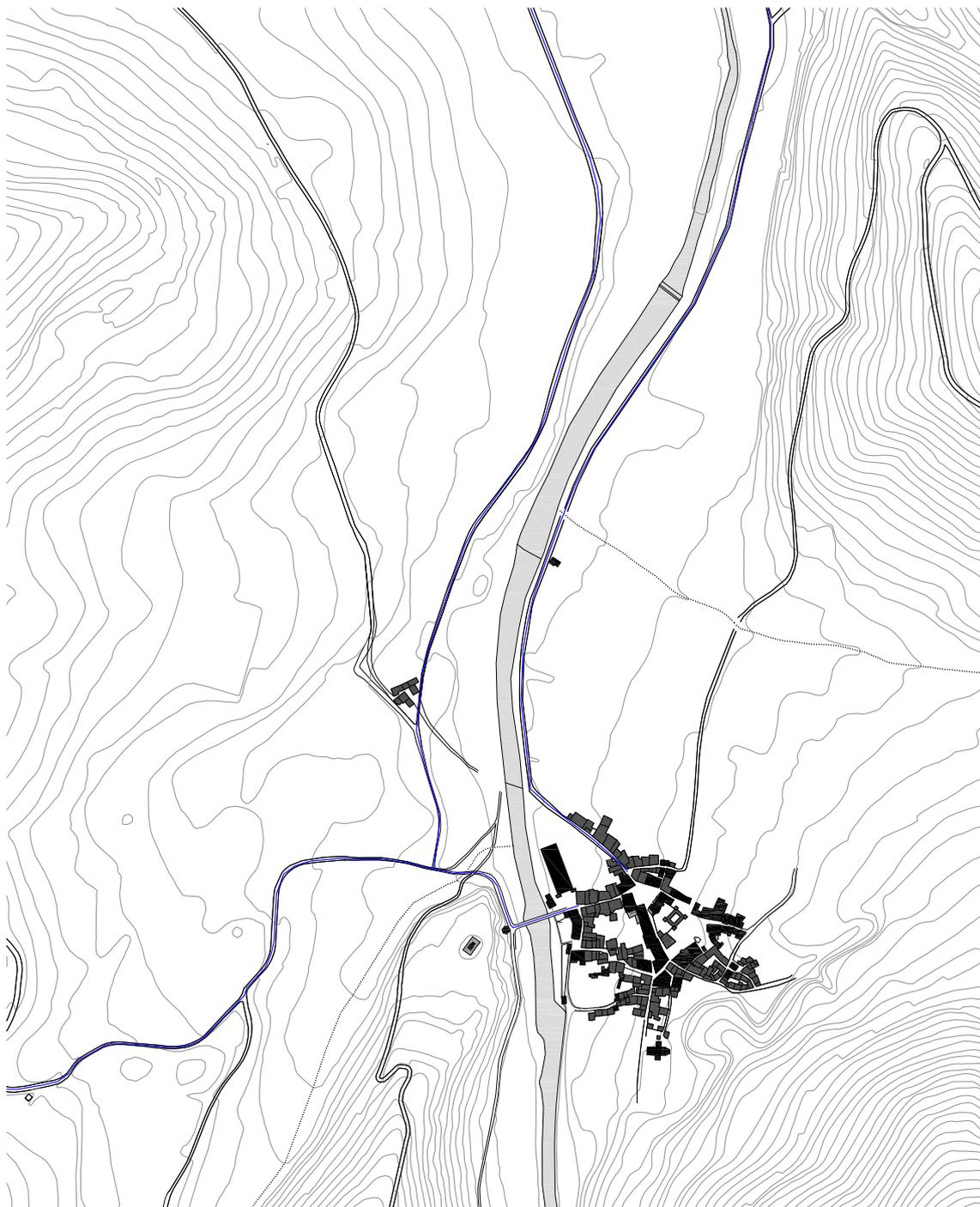
Composto por dois pisos e uma capela no extremo sul, era simultaneamente um hospital, um albergue e uma *casa de Deus*. Abarcava habitação para desabrigados, enfermaria, médicos e enfermeiros privados, abastecimento público de água e jardim ao ar livre para banhos de sol e água. O piso 0 compreendia uma sala grande - com lareira onde se fazia comida e talvez se abrigasse passageiros pobres - cujo acesso se fazia por um átrio de entrada. O piso 1, de sobrado, era dividido em quatro salas/enfermarias, com um corredor central.

Nesta época um hospital, num meio provinciano, tinha de ser bastante bom. Mais tarde, especializar-se-ia no tratamento da sífilis -em parte devido às virtudes medicinais da água da fonte do pombal que o abastecia - recebendo pacientes de todo o país. Um hospital de renome, uma instituição modelo no interior do reino, até ao seu encerramento, por dificuldades financeiras, em 1831. Actualmente, apesar de ter perdido as funções iniciais, mantém as mesmas características conceptuais e estruturais.

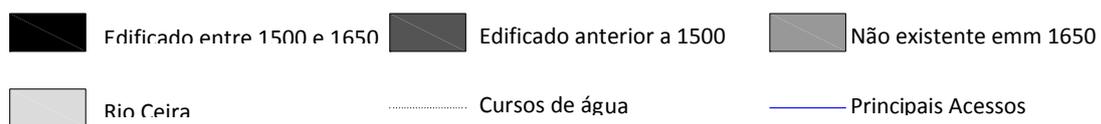
Ainda durante este período, em 1598 forma-se a confraria e a irmandade da misericórdia. Com donativos e ajudas do povo é edificado no *Rossio* - Largo Francisco Inácio Dias Nogueira - a Igreja, de nave única, e a Casa da Misericórdia. A Igreja vem a sofrer sucessivos restauros na segunda metade do século XIX.

A Capela do Mártir - São Sebastião - situada à entrada da ponte de três arcos, na base do monte do Castelo, sabe-se que é anterior a 1708 - mencionada num testamento deste ano. Mandada construir pelo povo, no século XVII.(...) *em conferência feita na inauguração do Grémio de Arganil, em 25 de Maio de 1930, diz que foi edificado por Manuel Dias Ourives, sobre outra antiga*²⁴. Segundo Dr. Mário Paredes de Nogueira Ramos, poderá haver uma confusão com a palavra *capella*, sendo que o edifício já existiria e Manuel Dias Ourives apenas instituiu uma *capela-vínculo*. Em 1811, durante as invasões francesas, a capela é incendiada. Quatro anos depois, entra em obras de restauro e em 1850, é feita uma nova sacristia.

²⁴ *Ibidem*, p.232.



13 | Planta de Goes em 1650 . Escala 1/8000



Goes tem o seu período aureo entre os anos 1500 e 1650, caracterizado por uma grande evolução a nível urbano e patrimonial.

Gera-se uma nova centralidade junto ao rio, com os novos paços e a ponte de três arcos.

O século XVI foi o mais reluzente da história de Goes. Com a ponte de arcos - ligação entre as margens - e os Paços Novos junto ao rio - *palco de uma nova vida social*²⁵ - gera-se uma nova centralidade, e posteriormente com o hospital, que posiciona a vila na rota dos viajantes, Goes encontra condições para se desenvolver e expandir.

Do século XVI e início do século XVII são também, na margem direita do Rio Ceira, a Casa do Terreirinho - situada junto ao rio a montante da ponte de três arcos - a Capela de Santo António - a jusante da ponte, em frente ao Terreiro da Força, na beira da antiga estrada para Arganil.

*Se o testamento de Vasco Pires Farinha, instituindo o morgadio determinava as regras sucessórias, vinculando os bens de raiz, 239 anos depois, o testamento de D. Luís da Silveira marcava a memória familiar e a elevação dos valores sociais e artísticos. Dois testamentos, dois testemunhos, que são marcantes na história do concelho.*²⁶

Dinastia dos Lencastres. A ascensão da burguesia

Com D. Madalena de Vilhena da Silveira, Goes assiste a uma nova perda de varonia e, por casamento com Pedro de Lencastre, entra, em meados do século XVII na dinastia dos Lencastres, com o filho de ambos e 22º senhor de Goes, José Luís de Lencastre.

Nesta época, os senhores, mais distantes e com outros interesses, tendem a considerar as terras de Goes com menos atenção. Os tempos eram outros. O reino, após o período filipino entra numa grande depressão económica que perdura até à chegada do ouro brasileiro no início do século XVIII. A nobreza de sangue vai perdendo condições e constitui-se uma nova classe burguesa. Da economia do *dom* passa-se para uma economia da rentabilidade e do lucro.

²⁵ RAMOS, João Nogueira - *O Concelho de Góis : ensaio de reconstituição da sua história (do século XII ao século XXI)*, p. 71.

²⁶ *Ibidem*, p.40.

Em Goes desponta, também, essa alta burguesia, capitalista. Aí residindo e investindo, cria riqueza e ao mesmo tempo passa a contribuir para o núcleo de personalidades com maior força política local, ocupando o espaço deixado pelos distantes donatários.

Constituem-se assim, ao longo do século XVII e XVIII, respeitadas casas agrícolas, algumas brasonadas. A Casa da Lavra de Cima - que por divisão do morgadio, dá origem à Casa da Lavra de Baixo, no século XVIII - e a Casa da Quinta - actual edifício da Câmara Municipal, a sul do Hospital - na primeira metade do século XVII; o Solar da Quinta da Torrinha ou dos Maias - no espaço das antigas cavaliariças dos *Passos Velhos*, actual Casa do Artista; o Solar dos Sanches - em São Paulo, na margem esquerda do rio Ceira; o Solar da Quinta da Capela - situado na periferia da vila, a jusante, na margem direita do rio; entre outras casas solarengas como, a actual Casa do Povo e a Casa Nogueira Ramos, ambas no Largo Francisco Inácio Dias Nogueira (antigo Largo do Pombal) e a Casa da Praça, hoje com dois pisos - o segundo do século XVIII - na actual Praça da República (antiga Praça), em frente ao hospital.

Tudo indica que o núcleo de casas antigas do Bairro de São Paulo date da época de construção do Solar dos Sanches. Possivelmente seriam para habitação dos seus serventes.

Em 1755, o grande terramoto que arrasa Lisboa, atinge Goes, provocando diversos danos nas habitações, ainda que ligeiros.

Com a proximidade da Universidade de Coimbra, local de excelência para a formação humanística, instituíram-se pessoas que se vieram a distinguir e, vários ramos do saber, nomeadamente no das leis e dos cânones. Com dinheiro e arrojo de alguns instalam-se, no concelho, empreendimentos industriais. Mais tarde, Goes seria a primeira localidade do distrito de Coimbra a ser iluminada electricamente, *com energia retirada às suas portas, das águas do Ceira*²⁷. A central hídrica do Monte Redondo, em Carcavelos, entra em funcionamento na primeira década do século XX.

Quanto aos camponeses, continuam a laborar, na sua maioria, no contexto da exploração senhorial, pagando foros e impostos, quase todos de carácter feudal.

²⁷ *Ibidem*, p. 98.



14 | Solar dos Sanches, localizado na margem esquerda do Rio Ceira.

No campo humanitário, o hospital continua a funcionar e em meados do século XVIII é instituída a Roda, de assistência a crianças abandonadas. Esta instituição vai estar a funcionar até 1850, num edifício à entrada da Rua de Santo António.

No final deste período reflecte-se em Goes a crise em que está Portugal - situação política interna e operações políticas no exterior. Embora mais *tímidas* do que no restante país, assinalam-se algumas contestações anti-senhoriais, originadas pela debilidade da agricultura ou por exigência de foros elevados.

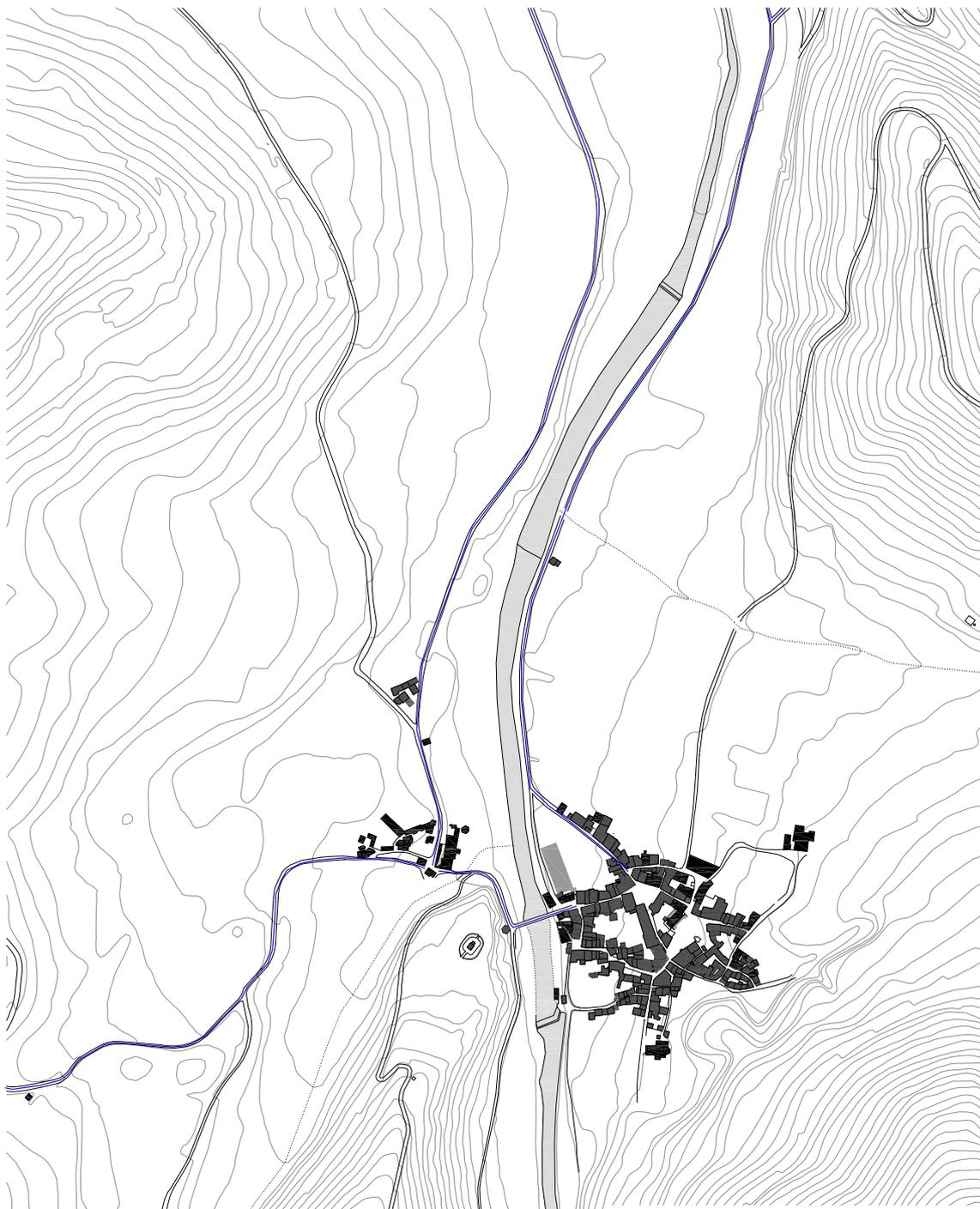
Posteriormente, a vila sofre os efeitos das invasões francesas que depauperam o seu património. Em 1811, com a retirada das tropas francesas aquando da terceira invasão, destruíram quase tudo na sua passagem por Goes. Cometeram roubos, estragos, mataram e queimaram igrejas, praticaram as maiores atrocidades. Depois, ficaram os ingleses a fazer sofrer os habitantes da região, realizando *toda a espécie de tropelias e latrocínios*²⁸.

Não menos aflitivo para Goes foi a época das lutas liberais - 1828 a 1834. Apesar de ter sido menos violenta, foi mais demorada. A população desta vila era, de um modo geral, liberal, a favor dos ideais de D. Pedro IV. Porém, havia um batalhão de voluntários miguelistas - ideais absolutistas - com sede na Quinta da Capela. Esta foi uma época de falsas acusações. Por depoimento verifica-se que as tropas do regimento nº10 de D. Miguel I foram a Goes prender e roubar vários liberais. Consta que as reuniões destes eram em casa de José Sanches - comandante voluntário liberal de Goes.

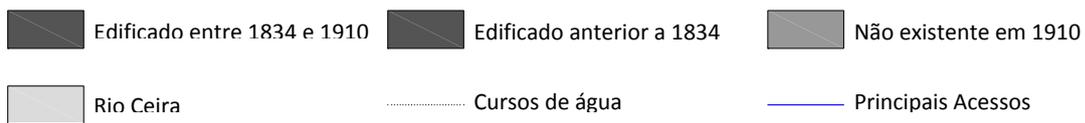
O Liberalismo . O fim do morgadio

Com a vitória do liberalismo, o senhorio de Goes dá lugar a uma autarquia representativa.

²⁸ RAMOS, Mário Paredes - *Arquivo histórico de Gois : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Gois*. Vol. II, p. 93.



15| Planta de Góis em 1834 . Escala 1/8000



Com o despontar da burguesia capitalista, edificam-se várias casas agrícolas e brasonadas.

Góis começa a desenvolver-se em direcção aos novos solares.

O fim dos regimes e dos morgadios não traz mudanças significativas, ou directas, à estrutura urbana da vila.

A densidade populacional do concelho de Goes não acompanha o aumento nacional, porém atingiria o pico demográfico da sua história, com 13000 residentes no final do século XIX.

As principais igrejas e capelas são recuperadas durante esta época pela sociedade civil. A Junta da Paróquia de Goes dá por aceite a reedificação da Igreja Matriz - nova nave, maiores dimensões e restauros nas capelas laterais, sacristia e torre sineira. É efectuada a demarcação do cemitério, confinando com a Igreja Matriz e a Capela das Almas.

A hipótese da construção de uma linha de caminho-de-ferro, que ligaria Coimbra a Arganil, passando por Goes, tornou-se numa esperança para o seu desenvolvimento, mas de tal não passou. Este desejo vem a sucumbir, a linha ficaria em Serpins, fechando-se uma porta ao progresso do concelho e da vila.

Os benefícios da Regeneração, a partir da segunda metade do século XIX, chegam a Goes duas décadas depois.

Na década de 60, é construída a Ponte sobre o Regato, a seguir à Capela de Santo António. É intenção da autarquia melhorar o local a seguir ao Regato (Cerejal), onde se tem realizado a feira.

Em 1866, a câmara municipal delibera construir uma escola no cimo da vila - Escola Primária Conde Ferreira. Actualmente, neste edifício laboram os serviços da Junta de Freguesia.

Em 1871 é demolido o último vestígio dos *Passos Velhos* - a Torre do Relógio - situada num espaço público, para venda - *com serventia por uma quelha para a Praça do Pombal*²⁹

Nos anos 70 do século XIX, rasgam-se as principais estradas de Goes. Para a Várzea Grande - Vila Nova do Ceira - e para a Lousã, o que leva a expropriação de terrenos

²⁹ RAMOS, João Nogueira - *O Concelho de Góis : ensaio de reconstituição da sua história (do século XII ao século XXI)*, p. 158.



16| Praça da República antes de se alargar a Rua da Ponte.



17| Praça da República depois de alargada a Rua da Ponte.
Edifício da Havaneza Goiense à direita.



18| Rua da Ponte antes de ser alargada.



19| Rua da Ponte depois de ser alargada.

necessários à obra, casas no Bairro de Cacilhas, do qual permanece apenas o nome, logo depois da ponte real, assim como a capela de São Paulo, no actual cruzamento entre as duas estradas; e no último ano, inicia-se a via central, em direcção a Arganil e a estrada do Vale do Ceira - Góis, Colmeal, e uma secundária, do Bairro da Boavista em direcção a Carcavelos.

Durante esta época, a câmara toma uma das decisões mais importantes, a nível de centralidade e novas artérias de comunicação para a vila de Goes.

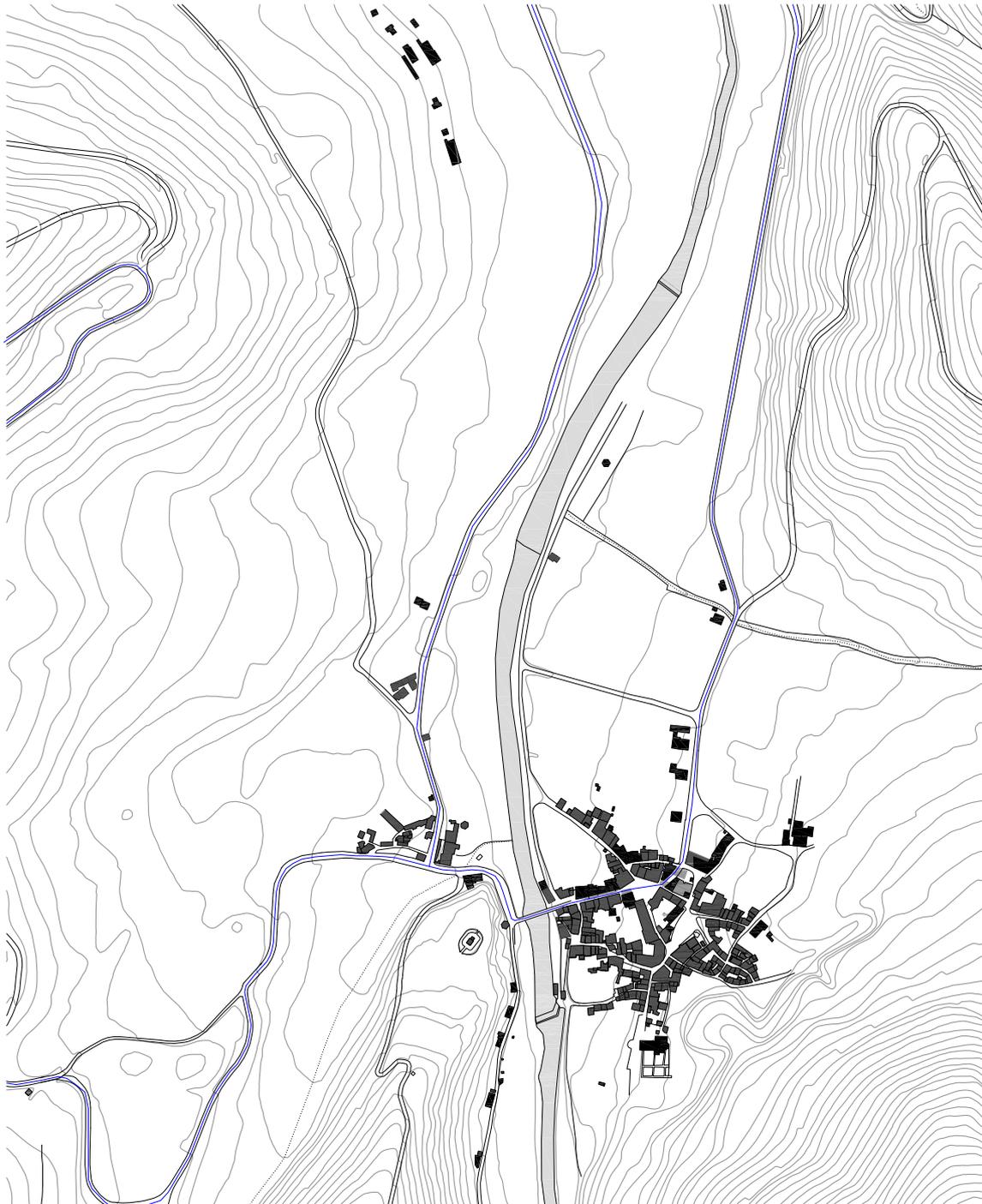
No início dos anos 90, do século XIX, é alargada a Rua da Ponte, que liga a Ponte Real de três arcos à Praça - anteriormente a rua era tortuosa, apertada e insalubre pela sua demasiada humidade - e a norte da praça, abre-se uma saída, de forma a permitir o traçado de uma nova estrada, uma nova entrada, uma nova via de circulação, em direcção a Arganil, *que saía do Cerrado, atravessava o Pé Salgado, apartando a Lavra dos Linhares, e levava-nos à Seara*³⁰.

Esta obra obrigava à demolição de parte da antiga casa da Câmara Municipal, situada à entrada da praça, e ao cimo desta, entre a Rua do Celeiro e a Travessa da Rua do Forno, da antiga casa da família Melo e parte doutra, da qual restam duas fracções, uma em cada uma das ruas supramencionadas.

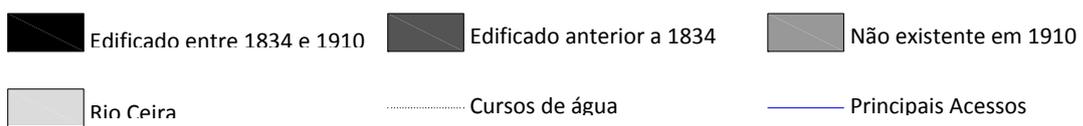
O alinhamento da Rua da Ponte com o esventramento da Praça vai acrescentar a inevitável estrada-avenida e abrir a vila ao exterior, dando-lhe uma nova visibilidade.

Em breve, esta nova avenida passaria a designar-se de Passeio Público, um local de encontro e de convívio social. Porém, não tardou que esta passasse a Bairro Residencial. Ao longo da primeira década do século XX, constroem-se as primeiras habitações unifamiliares, que marcavam um novo tipo de arquitectura em Goes. Em 1908, é inaugurada, no Cerrado, a vivenda do comendador Torres Galvão. É a terceira residência que ao longo desta década se instala na Rua de Cerrado prolongando a vila em direcção a Arganil. Os outros dois edifícios construídos entre 1904-1905 são da família Barata Cortez e Polaco Cerdeira.

³⁰ *Ibidem*, p. 271.



20| Planta de Goes em 1910 . Escala 1/8000



Entre 1834 e 1910 rasgam-se as principais vias de acesso a Góis e abre-se a via interna principal. A estrutura urbana vai crescendo ao longo destas novas artérias.

A pouco e pouco, o progresso invade o novo bairro e a população desta vila procura outro espaço para passear e trocar experiências e vivências - *e os românticos debandam para o parque do Cerejal*³¹.

A República Parlamentar. Anos de instabilidade

Com o regicídio em 1908 e com a proclamação da república em 1910, assiste-se, em Portugal, a um período de forte perturbação política, que viria a terminar em 1926 com um golpe de estado.

Apesar da lei de separação dos bens do estado e da igreja, em 1911, Goes continua com os actos religiosos públicos, apadrinhados pelos políticos, e reaviva festividades já caídas em desuso.

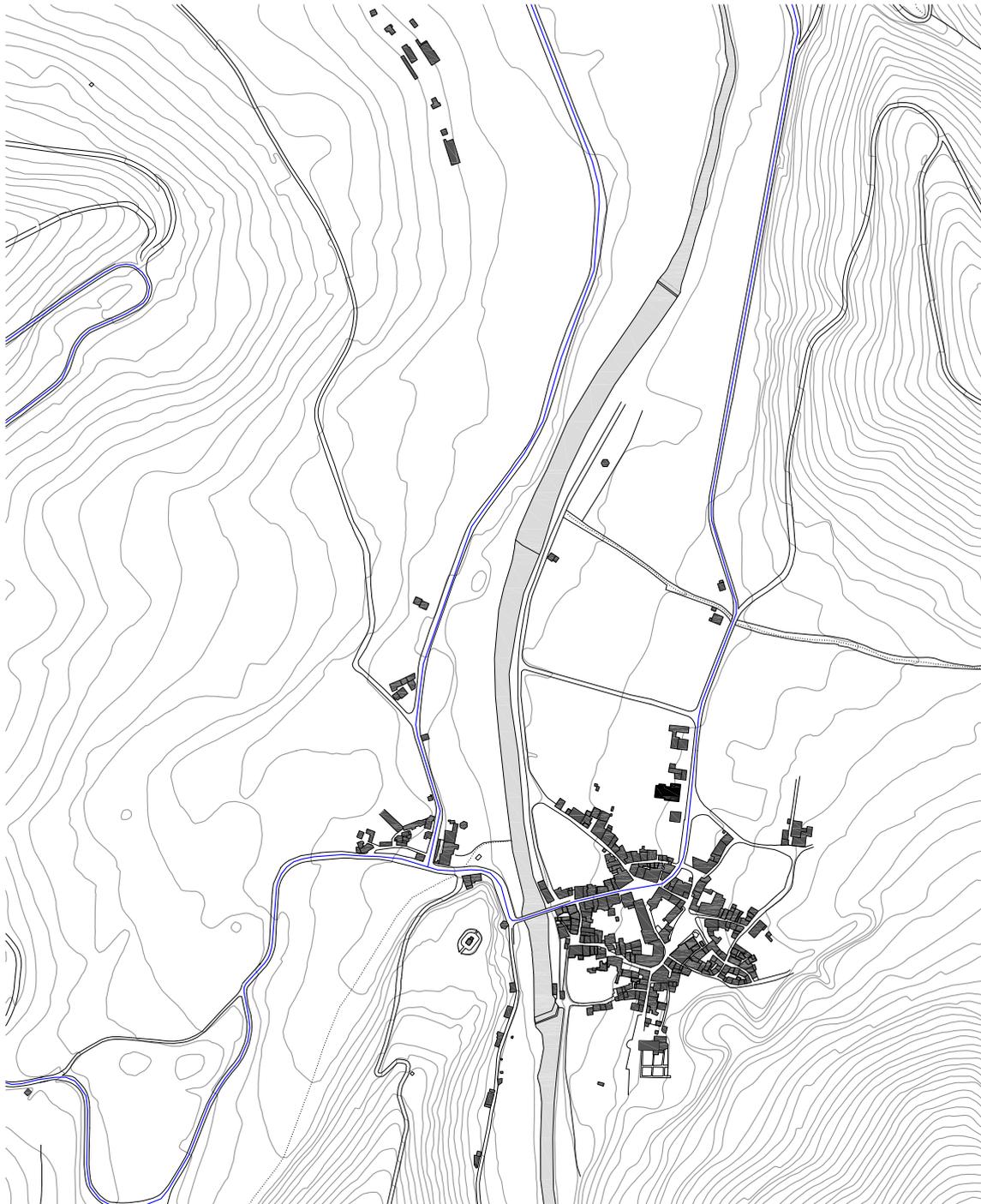
Em 1912, dá-se um marco importante na história da vila, é inaugurada a instalação eléctrica, que substitui a iluminação pública a gás - poética, ténue e poluente. Neste mesmo ano, inicia-se a construção das instalações do futuro cine-teatro da vila, no Bairro Teófilo de Braga - Cerrado - que em 1936, daria origem à Associação Educativa e Recreativa de Goes.

Continuavam os trabalhos de construção do lanço de caminho-de-ferro entre a Lousã e Goes, reinando um clima de optimismo. Investe-se na abertura de casas comerciais e em projectos de instalações industriais.

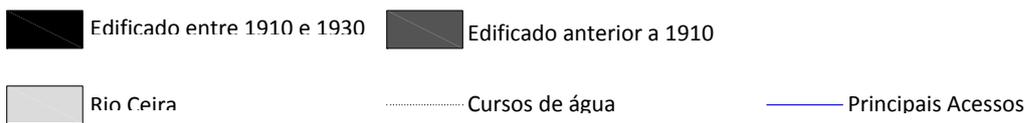
Entre 1914 e 1919, a primeira grande guerra mobiliza um grande número de goenses, sendo que muitos perdem a vida e outros ficam com sequelas permanentes.

No final deste período, da república parlamentar, chega ao concelho a gripe pneumónica, o que vem a provocar efeitos devastadores.

³¹ *Ibidem*, p. 273.



21| Planta de Goes em 1930 . Escala 1/8000



Entre 1910 e 1930 não se verifica qualquer desenvolvimento significativo da estrutura urbana.

Com a guerra e a epidemia, sucede a fome. Nos anos 20, gera-se uma carência de trabalho e a extracção de resina torna-se um trabalho relevante. E o Brasil volta a ser um pólo atractivo para os goenses.

Por decreto de lei, de 1 de Maio de 1924, são considerados monumentos nacionais, os tectos pintados à mão da Casa da Quinta.

O Estado Novo. Esperança de futuro

Com a revolução de 26 de Maio de 1926 e entrada no período designado de Estado Novo, a população de Goes abandona as questões políticas sem importância e reforça o associativismo. São feitos investimentos públicos e privados e luta-se por vias de comunicação, estradas e o caminho-de-ferro *prometido e sempre adiado*³².

Em 1930, abre o *Hotel Goense*, na Praça da República, classificado pelo departamento de Turismo. Os seus proprietários são conhecidos artistas da capital, que se deslocavam a Goes para espectáculos no cine-teatro.

Em meados da mesma década, uma grande incêndio, combatido pelos bombeiros de Arganil, destrói a maior parte da residência da família Dias Nogueira, no Largo Francisco Inácio Dias Nogueira. O edifício não é totalmente reconstruído, a ala sul, confinante com a Rua dos Seixos e a Rua da Igreja, é aproveitada como jardim. Este infortúnio funcionou como um incentivo à criação do primeiro corpo de bombeiros voluntários de Goes.

O restauro da Capela do Castelo, em 1936, incita a câmara a doar o terreno em volta à *Sociedade de Iniciativas e Propaganda de Góis*, para ajardinar. O Parque do Castelo é inaugurado dois anos depois. No mesmo dia é, também, inaugurada a Escola Feminina

³² *Ibidem*, p. 195.

de Goes, no Cerrado - à entrada do Bairro Teófilo de Braga. O índice de analfabetismo do concelho era, em 1925 de 79,6% - 67,3% nos homens e 89,8% nas mulheres.

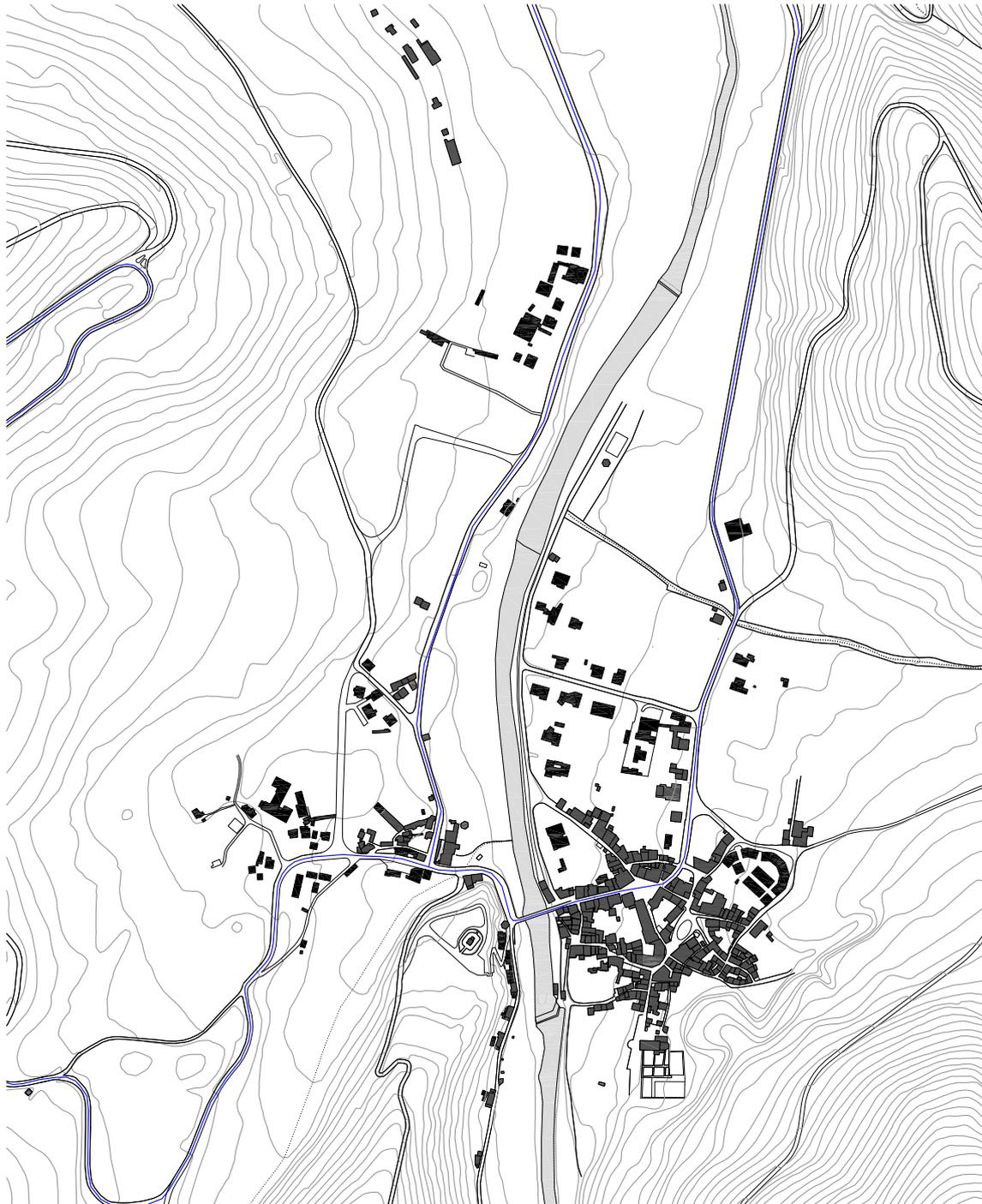
As décadas de 30 e 40 marcam uma época da história contemporânea do concelho. A exploração do volfrâmio, associada à do ouro, transformaria estas terras num *eldorado*. Em 1937, é efectuada a primeira venda oficial de volfrâmio. A única concessão mineira pertence ao Engenheiro Stanley Mitchell. Num tempo de desemprego e miséria, esta possibilidade acarreta uma nova vida e uma esperança de futuro, reforçando uma determinação que emerge em Goes.

O Engenheiro Stanley Mitchell doa à AERG - Associação Educativa e Recreativa de Goes - a Casa de Caridade Rosa Maria, inaugurada em 1942. Um pequeno hospital, equipado para o seu normal funcionamento, nomeadamente com serviços raio-X, diatermia e apoio de uma ambulância.

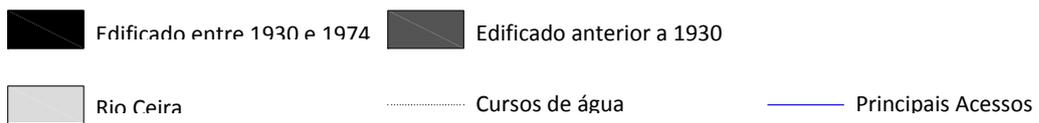
Vinham pessoas de fora e o dinheiro abundava como nunca. Porém o ganho com estas explorações foi mínimo ou nenhum. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Espanhola, as consequências foram trágicas tanto do ponto de vista humano, como social e económico.

Dá-se a decadência abrupta do negócio do minério, o que origina emigração em grande escala, desde 1945 a 1960, o concelho perde 47% dos autóctones. Contudo, consolida-se o associativismo e o regionalismo, numa cumplicidade entre emigrantes, goenses residentes locais e em Lisboa. Dentro deste movimento é criada em Lisboa a Casa do Concelho de Goes.

Em 1948, é inaugurada a Avenida Engenheiro Álvaro de Paula Dias Nogueira - a antiga Rua da Torre Fundeira, alargada e murada na margem do rio. Cinco anos mais tarde, inicia-se a construção da Estrada da Serra, ao longo do Vale do Ceira, a partir da vila de Goes, em direcção às freguesias do Cadafaz e do Colmeal. É uma das grandes aspirações do concelho, que por ela lutava há 70 anos. Em 1889, fizera-se um pequeno troço de algumas centenas de metros, a partir do Bairro Teófilo de Braga, em frente à AERG, até à Casa da Lavra de Cima.



22 | Planta de Goes em 1974 . Escala 1/8000



Os equipamentos colectivos edificados entre 1930 e 1974 geram pólos atractivos, a partir dos quais o tecido urbano de Góis se vai desenvolver.

Durante a década de 60 edificam-se duas obras de relativa importância no Bairro de São Paulo: O Bairro Cristina Rodrigues - propriedade da Sopa dos Pobres - constituído por cinco blocos, de duas moradias cada, destinadas a famílias carenciadas do concelho, e o Colégio de Goes, uma instituição de iniciativa, projecto e construção da Casa do Concelho de Goes, iniciando-se, deste modo, o ensino oficial do ciclo preparatório, no concelho. Apesar da ditadura cada vez mais apertada, *com o impedimento da crítica, a imobilização intelectual e os mecanismos repressivos*³³, cultiva-se em Goes o gosto pela música - a filarmónica goense ressurge em 1933, na AERG e em 1961, é inaugurado o coreto no Parque do Cerejal, para incentivar os jovens à prática da mesma - e por outras artes e desportos - em 1944, é implantado o campo de basquetebol da AERG, a poente do edifício da sua sede.

Na decadência do Estado Novo, Goes encontra-se com todas as capacidades e meios para se desenvolver. Apesar de um ambiente cada vez mais asfixiante, sentido com maior intensidade no meio rural do concelho, reina na vila um clima de esperança, optimismo e iniciativa, enquanto se aguarda "*a todo o instante uma reacção, (...), para se poder iniciar, em democracia, uma nova vida*"³⁴

A partir desta época, desponta em Góis uma expansão assente numa lógica de aldeia ou arrabalde, com um carácter espontâneo, marcado essencialmente pelos arruamentos e ruas.

³³ *Ibidem*, p. 196.

³⁴ *Ibidem*, p. 196.

Góis

A Vila Hoje

É pena que, depois do desaparecimento dos seus ricos donatários, Góis se tenha estiolado a remirar-se no seu rio de águas transparentes, esquecendo com os séculos a bravura dos seus passados³⁵.

Góis é uma vila situada no Vale do Ceira, entre as serras de Carvalhal e do Rabadão. Localiza-se a "190m de altitude e está a 39º e 3' de latitude norte e 1º e 15' de latitude E. do meridiano de Lisboa". Sede de freguesia e concelho rural e fiscal de 3ª classe com o mesmo nome. Administrativa e eclesiasticamente pertence, respectivamente, ao distrito e à diocese de Coimbra.

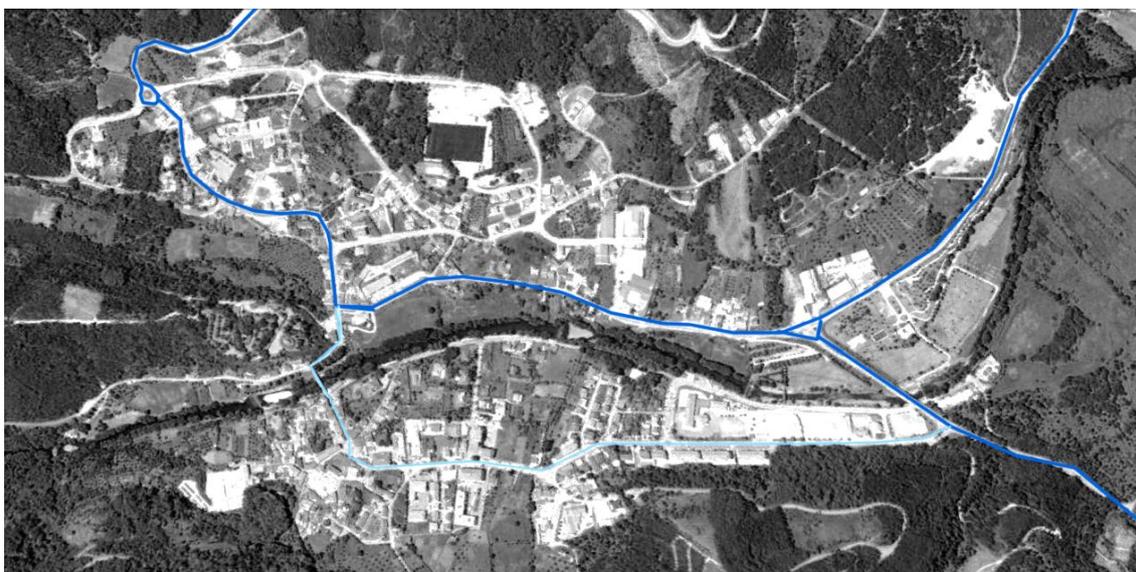
Desde o início, o seu concelho foi sempre marcado por uma intensa ruralidade. Em Góis - a vila - escasseiam os meios de acesso às grandes vias de comunicação e conseqüentemente aos grandes centros urbanos. Dista 45km do pólo urbano mais próximo, Coimbra. As principais acessibilidades à vila estão definidas desde o início do século XX, sendo estas a EN2 - que interliga os concelhos rurais do interior do país, e que actualmente a maioria do seu traçado já se encontra municipalizado ou regionalizado - e a EN342 - que liga Condeixa a Oliveira do Hospital.

No último século, à semelhança de outras vilas do interior do país, Góis sofre uma desertificação considerável. A partir de 1945, cerca de 30% da sua população emigra para Lisboa e para o estrangeiro, com perspectivas, na sua maioria não de enriquecimento rápido, mas de sobrevivência e melhor qualidade de vida.

³⁵ SIMÕES, João Alves – Etnologia Portuguesa: Uma abordagem para o estudo geo-histórico-etnológico da freguesia de Góis, p. 19.

Lousã
Pampilhosa da Serra

Coimbra
Vila Nova do Ceira



— Acessos principais

— Via interna principal

Arganil
Oliveira do Hospital

A partir de 1974, com a revolução e a república democrática, os concelhos adquirem finanças próprias e melhoram-se vias de comunicação e estruturas básicas. Góis - concelho - não é excepção. Com o acentuar do sentido de ruralidade e isolamento, a população vai diminuindo por todo o concelho, reforçando-se em termos percentuais na vila. Nesta surgem meios disponíveis para a cultura e para o lazer, e o rio Ceira começa a ser usufruído quase na sua plenitude, promovem-se às suas margens festivais mediáticos, de desporto, aventura, artistas e motos, atraindo forasteiros e dando-se a conhecer extra-muros.

Dois Estados de Evolução . Um Crescimento Desmedido

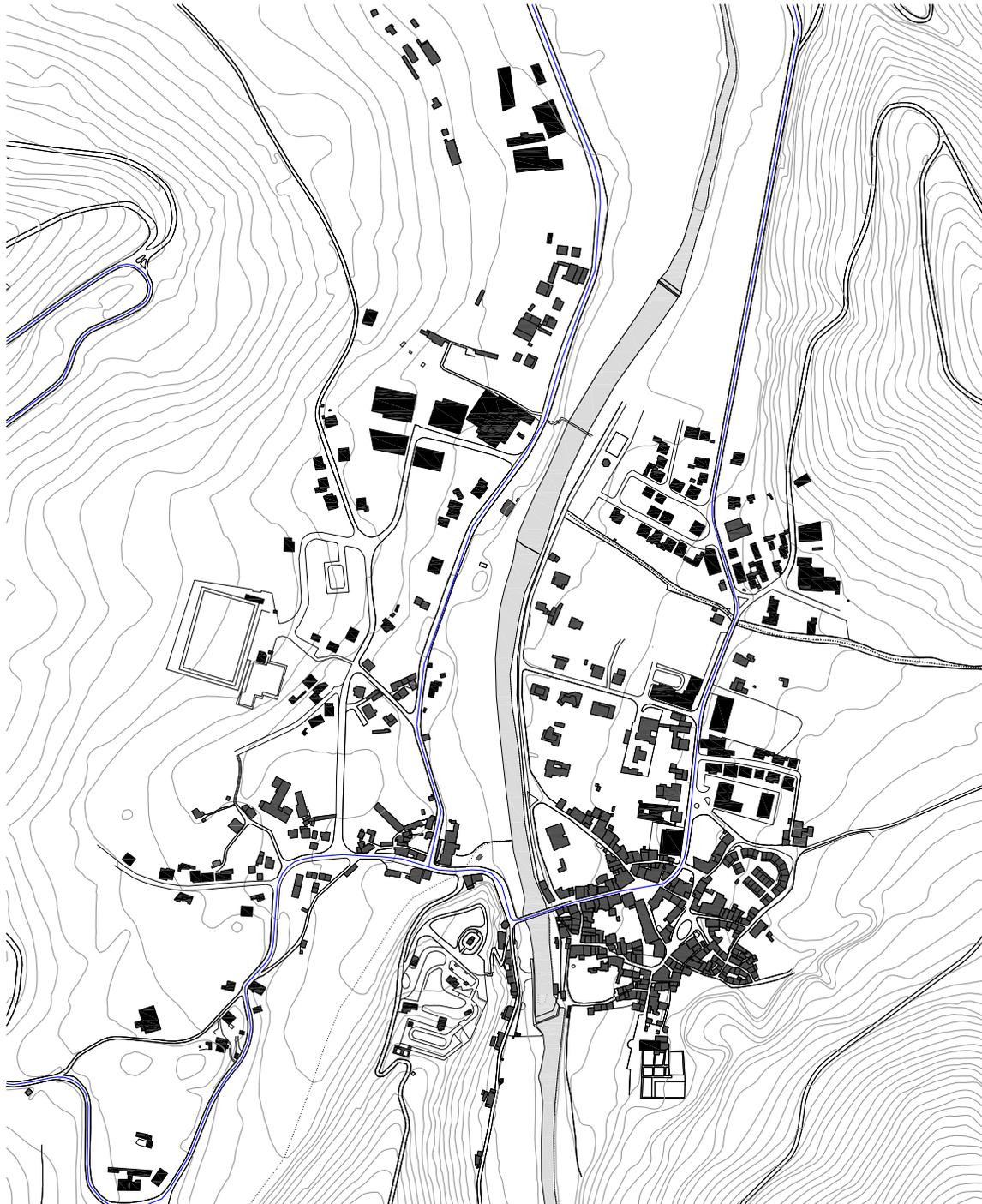
As alterações que se fazem sentir após o fim da ditadura - 1974 - no modo de vida e no desejo intenso e descontrolado de progresso, vão-se reflectir no espaço urbano.

Os espaços da cidade demonstram uma história, um modo de vida que tem vindo a mudar ao longo do tempo. O desenho urbano apresenta marcas das exigências de uma determinada época.³⁶

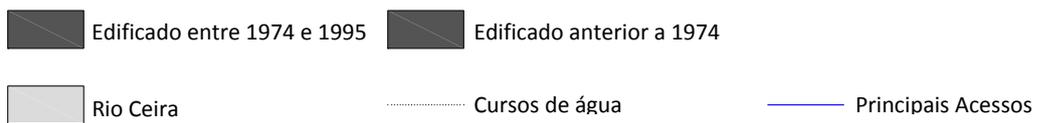
O núcleo inicial da vila manteve-se quase intacto desde o século XVII ao século XX, à excepção da abertura da Rua da Ponte, e das novas acessibilidades já mencionadas. A morfologia actual da vila resulta deste núcleo inicial e de dois estados posteriores de evolução. A partir da década de 80, do século XX, a vila encontra condições para se expandir, porém este desejo vai ter consequências catastróficas - quer a nível social, económico e ambiental - neste espaço urbano. O núcleo inicial deixa de dar resposta às crescentes necessidades e expande, gerando núcleos periféricos.

O primeiro estado de evolução caracteriza-se por uma necessidade de desenvolvimento. Tendo Góis ficado parado no tempo, as entidades municipais sentiram necessidade de mandar de expandir a vila para lá dos seus limites e de

³⁶ Silva, Sara Maria Bernardino da - LEIRIA: Cidade do (Po)Lis: análise da estratégia de revitalização da frente de água, p.71.



24 | Planta de Góis em 1995 . Escala 1/8000



O núcleo originário de Góis expande-se, definitivamente, e o seu tecido urbano cresce com organização dispersa, marcada pelos arruamentos e ruas.

construir edifícios que ultrapassassem a cêrcea média - 6 metros (dois pisos) - que caracterizava este espaço e adaptar, no seu modo de ver, a vila às novas necessidades diárias.

Em 1980 é edificado na Seara, a norte do núcleo inicial, o Centro Social Rocha Barros, com um centro de dia para a terceira idade e posteriormente com um infantário, e um novo edifício escolar - actual Biblioteca Municipal - para onde são transferidas as escolas de instrução primária - a masculina, Conde Ferreira, no cimo da vila, e a feminina, no Cerrado.

Durante esta década é também edificado o novo quartel da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Góis, em frente à AERG³⁷. No lugar da antiga escola feminina é erguido o edifício - com uma cêrcea de 12 metros - onde funcionam as finanças e a Caixa Geral de Depósitos. O Bairro da Bota - residencial, com 30 moradias de dois pisos, situado num dos limites da vila medieval, entre as duas Casas da Lavra. E o campo de futebol - na área mais elevada da margem esquerda do Rio Ceira.

Adjacente ao campo de futebol é inaugurado, em 1990, o Clube de Ténis de Góis. Na primeira metade desta década, é construído no Bairro Teófilo de Braga, uma Residência de Estudantes que acolhe jovens do concelho sem possibilidade de se deslocarem à vila diariamente e no morro do Castelo, o Parque de Campismo - o primeiro empreendimento de foro turístico criado em Góis.

Entre estes, iam-se edificando outras residências de forma a coser este novo tecido fragmentado. Na sua maioria, estes edifícios de carácter habitacional são moradias unifamiliares, à excepção de 3 blocos, comerciais - piso 0 - e residências, erigidos na primeira metade dos anos 90, com uma cêrcea bastante superior à característica de Góis - cerca de 15 metros.

Desta época são também duas decisões de relativa importância para este crescimento. A demarcação de uma área industrial, adjacente à estrada que chega a Góis, vinda de Coimbra e Vila Nova do Ceira, na margem esquerda do Rio Ceira, em frente ao Parque

³⁷ Associação Educativa e Recreativa de Góis.

do Cerejal e a construção duma ponte pedonal em ferro, que liga esta área e a margem esquerda à margem direita, através do parque supracitado.

Góis expande-se para Norte e Noroeste, na direcção do Campo de Futebol e da Zona Industrial, na margem esquerda do Ceira, e da Biblioteca Municipal, na Seara e de Arganil, na margem direita.

Ainda neste período, são realizadas obras de requalificação da Praia Fluvial da Peneda, atraindo um tipo de turismo – de massas – para o qual a vila não estava preparada e não consegue dar resposta.

As alterações do modo de vida e da estrutura da população acabam por se reflectir no espaço urbano.

A segunda expansão significativa resulta da construção da nova ponte sobre o Rio Ceira.

Em 1995, é inaugurada, a norte de Góis, a ligação entre a EN342 e a estrada para Arganil. O percurso automóvel dentro do núcleo antigo, e na ponte de três arcos, torna-se desnecessário para quem procura apenas deslocar-se sem atravessar Góis e sem a sua visita.

Deste modo, a vila expande-se ainda mais para norte, em direcção à nova ponte, sem que perdesse o seu crescimento para noroeste.

Na segunda metade da década de 90 são edificados num espaço adjacente à nova ponte, o posto da GNR e a Escola EB2,3 de Góis - abrindo as portas com 254 alunos, em 1997. Posteriormente, no início do novo século, é construído um pavilhão gimno-desportivo - que dá resposta às necessidades da escola, da vila e das populações mais próximas do seu concelho - no espaço intermédio entre os equipamentos anteriores. Estes encontram-se circundados, por uma nova *alameda*, na margem direita do Rio Ceira e uma *avenida*, uma *nova* entrada em Góis. Esta nova avenida comporta também, na sua direita um conjunto de 3 edifícios - de comércio no piso 0 e habitação colectiva nos três pisos restantes. Na margem esquerda do Ceira, gera-se um espaço de esporádica utilização - feiras e festivais sazonais. Num espaço adjacente a este, a norte da ponte nova surge um espaço de utilização algo duvidosa. Um circuito de



25| Moinhos do Ceira, no início do século XX.
Actual Praia Fluvial da Peneda.



26| Praia Fluvial da Peneda antes da obras de requalificação.



27| Praia Fluvial da Peneda após as obras de requalificação.



28| A ponte de três arcos.
Vista a jusante, da Praia Fluvial da Peneda

manutenção com equipamentos desportivos numa área cuja passagem pedonal fica interdita durante as festas da vila e que aquando da invasão “motard” se torna cerrada abrindo-se apenas para os viajantes que vieram passar o fim-de-semana.

Góis é um aglomerado urbano, sede de concelho rural, de baixa densidade e de dimensão horizontal, que cresce sem limites e sem nenhuma ordem unificadora.

Góis Actual . Perda de identidade

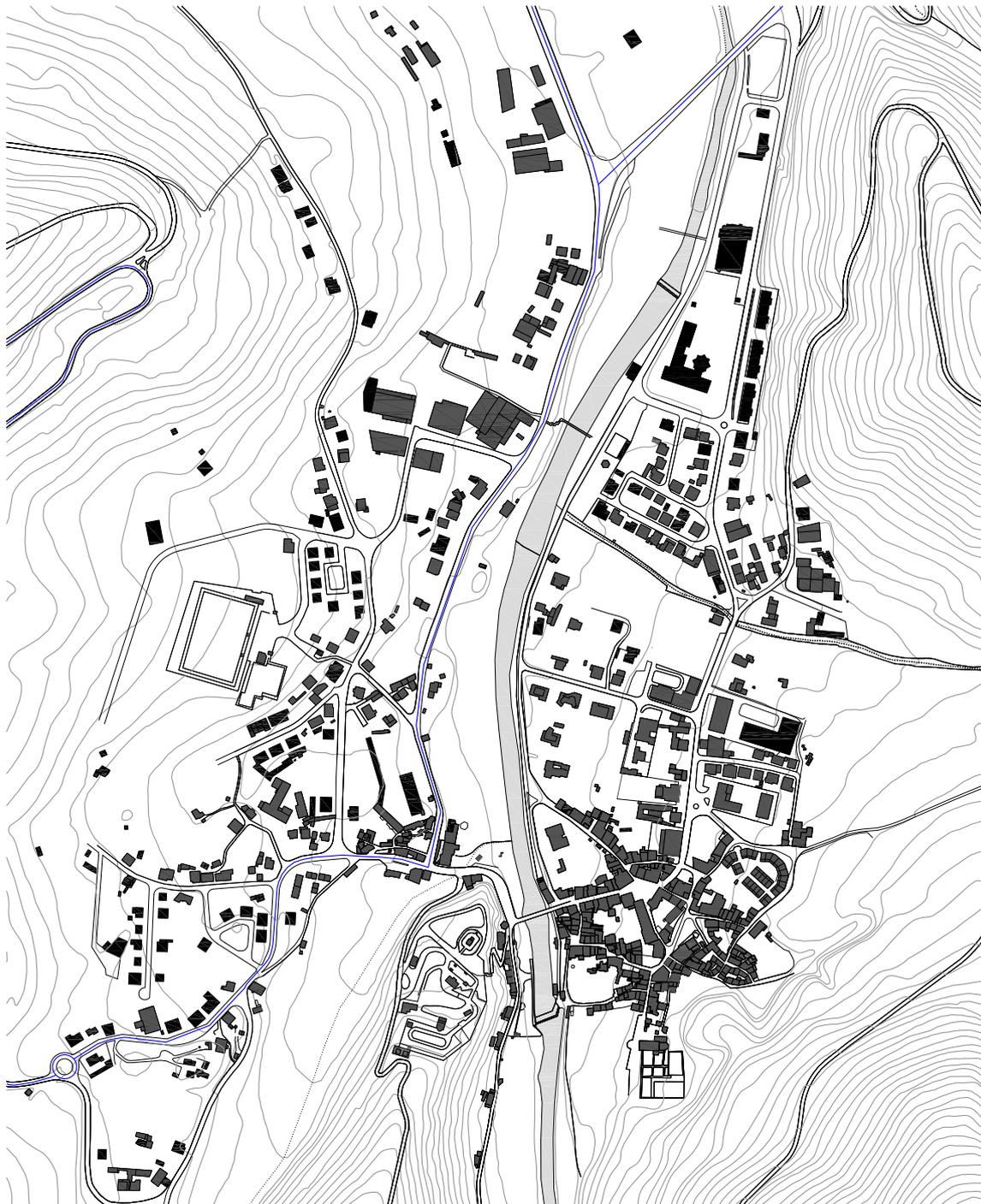
*As verdes margens, o rio Ceira, o casario da vila, transmitem uma sensação de tranquilidade protegida por altos montes quase circundantes - para norte a planície segue o Ceira e amplia-se; noutros lados crescem montanhas rapidamente numa continuidade ininterrupta de lindas paisagens, cuja apoteose de grande espectáculo se encontra no impressionante, escavado, vertical Penedo de Góis, a sul da vila, que atinge altitude superior aos mil metros.*³⁸ - Descrição de Góis por Júlio Gil, em 1984.

Actualmente, Góis perdeu a sua identidade, distanciou-se do seu passado e da sua paisagem, das suas montanhas, revendo no rio as saudades com um olhar perdido e melancólico, tentando encontrar neste as suas memórias perdidas há muito.

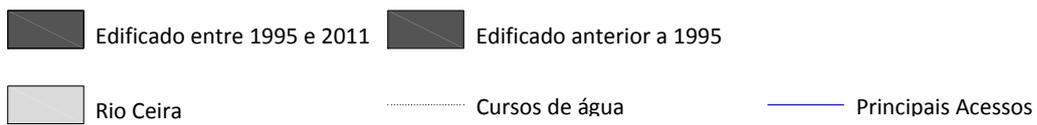
A margem nascente guarda a saudade de um tempo passado, de história, conjuntamente com uma vontade de fuga, de progresso, de um meio que algures se tornou sufocante, que parou no tempo.

A margem poente explode no fim do século XX, numa lógica de arrabalde. Apresenta-se desorientada e confusa, expectante em relação ao núcleo antigo, como se lhe quisesse pertencer mas sempre a observá-lo sem o conseguir alcançar - cresce pertencendo a Góis, mas sem qualquer lógica de planeamento.

³⁸ GIL, Júlio - *As Mais Belas Vilas e Aldeias de Portugal*, p.124



29 | Planta de Góis Actual . Escala 1/8000



A ponte edificada em 1995 desvia o trânsito automóvel regional do interior de Góis.
 O tecido urbano da vila continua a expandir-se com um carácter de espontâneo.

Tudo indica que se nada for feito em contrário que é nesta lógica que Góis se continuará a expandir, sem nunca se reinventar, degradando o que mais fixa e atrai população - as suas memórias, a sua paisagem, a boa qualidade ambiental de vida.

É notória uma vontade crescente de inverter esta tendência - o sentido inconsciente de perda - de promover a sua identidade e qualidades, para se afirmar e diferenciar numa rede urbana cada vez mais competitiva.

É necessário avaliar e contrabalançar todos os factores de modo a, acrescentar à boa qualidade de vida em Góis, as boas condições para a mesma.

O PDM . Um zoneamento apressado

Em Portugal, desde 1971 a 1982 não é elaborada qualquer legislação de carácter urbanístico. No território português foram surgindo várias intervenções de carácter ilegal - vulgo *loteamento clandestino*. Situações como estas, na sua maioria, *viram no aparecimento das figuras regulamentares do Plano Director Municipal um travão à sua livre proliferação*³⁹.

Na década de 90 entram em execução os Quadros Comunitários de Apoio da CEE. Os municípios portugueses iniciam a realização dos seus planos municipais de ordenamento do território (PMOT), uma vez que somente deste modo se poderiam candidatar aos respectivos fundos.

Os Planos Municipais de Ordenamento do Território - PMOT - foram realizados entre 1993 e 1995, sobre imensa pressão temporal. Apoiados em cartografias desactualizadas, estudos deficientes, e numa quase ou totalmente nula participação por parte da população abrangida.

³⁹ Amado, Miguel Pires - *Planeamento urbano sustentável*, p.21

Góis foi um dos últimos municípios a apresentar o PMOT. A planta de ordenamento da vila de Góis data de Março de 1996 e nunca foi actualizada até à data. O resultado da pressão ou pressa com que foi realizado é o desajuste perante a realidade e as poucas preocupações a nível ambiental. Deste modo, efectua-se, no início da década de 2000, os novos Planos Directores Municipais, denominados de PDM's de segunda geração.

*O PDM, pela sua estrutura, constitui-se como o elemento principal no desenho e implementação da estratégia local.*⁴⁰

O Plano Director Municipal de Góis entrou em vigor a 26 de Março de 2003 estabelecendo um modelo de estrutura espacial do território municipal, uma síntese da estratégia de desenvolvimento e ordenamento que se pretendia para o concelho.

No artigo 4.º do PDMG - Classes e categorias de espaços segundo usos dominantes - divide-se a vila em zonas, anteriormente definidas no PMOT, de forma a garantir com outro cuidado a sua expansão e requalificação urbana, sendo estas, de um modo geral, o Centro Histórico, zonas de habitação consolidada, zonas de expansão por colmatação para habitação unifamiliar e para habitação colectiva, zonas de expansão sujeitas a plano de pormenor ou operação de loteamento, zonas de equipamentos colectivos, zonas verdes e zonas industriais urbanas.

O Centro Histórico com uma malha urbana consolidada e valor patrimonial histórico, urbanístico e arquitectónico corresponde ao aglomerado anterior ao século XX, na margem direita do Rio Ceira. Deste modo, e segundo o PDM de 2003, *este constitui um espaço onde deve ser privilegiada a protecção, conservação, recuperação e revitalização dos valores históricos, arquitectónicos, arqueológicos, e urbanísticos*⁴¹. No deambular pelas suas estreitas ruas, ainda reconhecemos nas suas fachadas o passado, a identidade que tanto ansiamos quando percorremos a vila no seu todo.

As zonas de habitação consolidada caracterizam-se por possuírem malha urbana consolidada e com um elevado grau infra-estrutural ou com tendência à sua aquisição.

⁴⁰ Baptista, Sofia - *Pensar a Cidade, Agir no Campo: Proposta de Intervenção para as Margens Periurbanas do Rio Lis*, p.15.

⁴¹ Regulamento do Plano Director Municipal de Góis. DR 72 Série I-B (Artigo9 – nº.2).



- | | | |
|------------------------------------------------------------|----------------------------------|--------------|
| Centro Histórico | Zonas de Habitação Consolidada | Zonas Verdes |
| Zonas de Expansão por colmatção para habitação unifamiliar | Zonas de equipamentos colectivos | |
| Zonas de Expansão por colmatção para habitação colectiva | Zonas Industriais | |

As zonas de expansão por colmatção correspondem a áreas com algum grau infra-estrutural e onde se prevê uma requalificação urbana a partir do complemento dos espaços livres existentes, de modo a gerar um espaço urbano consolidado. Estas zonas dividem-se em dois tipos: zonas de expansão por colmatção para habitação unifamiliar, em áreas nas quais já existe alguma, porém dispersa e desordenada; e zonas de expansão por colmatção para habitação colectiva.

Espaços destinados, unicamente, à localização, protecção, ampliação ou instalação de espaços verdes, estão abrangidos por Zonas Verdes. Os espaços com esta classificação caracterizam-se por, através da valorização do meio envolvente, se destinarem à utilização colectiva, seja de iniciativa privada ou pública, ou à preservação de certas explorações agrícolas activas e a manter. Nestas áreas, segundo o PDM, *Apenas poderá ser permitida a construção de mobiliário urbano e edifícios de apoio às actividades de recreio e lazer*⁴².

As zonas de equipamentos colectivos caracterizam-se pela existência dos mesmo ou de espaços com características para a sua implantação e destinam-se posteriormente à sua protecção.

Outras zonas previstas neste PDM são as zonas de localização de instalações industriais urbanas e compatíveis com a habitação - armazéns, comércio, estações de serviço e oficinas de reparação de veículos automóveis, e habitação, não sendo permitida a implantação de outro tipo de indústrias.

Analisando as zonas descritas com as condições previstas no PDM e de acordo com a planta de ordenamento da Vila de Góis verifica-se uma delimitação muito rígida e de pequenas dimensões, o que poderá indicar que as entidades responsáveis tivessem conhecimento ou já existissem projectos aprovados para as áreas respectivas. Na altura da elaboração da planta de ordenamento, estavam em construção a Escola EB2,3 e o Posto da GNR, actualmente a mesma zona de equipamentos engloba, também, um pavilhão gimno-desportivo. Em algumas zonas de expansão por colmatção da habitação colectiva, cujos parâmetros para construção não conjugam com a realidade envolvente como é o caso de um espaço para o qual em 1995 estava

⁴² *Ibidem.* (Artigo 9 – nº.5).

previsto e agora encontra-se parcialmente construído numa área adjacente à zona considerada centro histórico, na margem esquerda do rio Ceira.

A cêrcea média em Góis é de dois acima da cota da soleira, ainda que sendo frequente edificações com três pisos acima da mesma cota. Porém permitiu-se a construção de edifícios com 5 pisos (ainda que este último seja ligeiramente recuado) apesar do plano de pormenor de expansão nascente de Góis - PP2 - permitir em habitação colectiva ou edifícios mistos, incluindo industria e em edifícios de comércio e serviços uma cêrcea que contempla quatro pisos acima da cota da soleira, em nenhum outro parâmetro é permitido ou considerado edifícios com maior altura.

Enquanto os planos de pormenor ou as operações não foram elaborados nas zonas de expansão por colmatação para habitação colectiva ou edifícios de uso misto foi permitido a construção dos mesmos pelas entidades responsáveis nas parcelas de terreno com frente para a via pública infra-estruturada.

Durante os sete anos da sua aplicabilidade o PDM de Góis tem sido considerado pelas entidades responsáveis *de difícil aplicabilidade por alguma divergência entre o seu teor, a realidade e a adequada cultura de construção para o concelho de Góis*⁴³.

A primeira actualização ao PDM é de Janeiro de 2008, tendo sido resultado de uma assembleia municipal realizada em 2005 porém, este apenas diz respeito à edificabilidade em aldeias do concelho.

Actualmente, o PDM está novamente em alteração, sendo na vila em estudo a mudança ao nível das zonas de expansão por colmatação de habitação colectiva, que adquirem o estatuto de zonas de expansão por colmatação de habitação unifamiliar. Assiste-se em Góis, a uma crescente procura de espaços destinados a habitação unifamiliar face ao desinteresse por parte de investidores imobiliários na habitação colectiva.

⁴³ MUNICIPIO DE GÓIS – Proposta de Alteração ao PDM de Góis, p.1

*Efectivamente as alterações propostas mais não traduzem que a adaptação da figura o Plano Director Municipal a uma nova realidade, que é um imperativo de uma oportunidade de desenvolvimento e de criação de novas dinâmicas que importa aproveitar e potenciar.*⁴⁴

A Dimensão Social . A vida em Góis

*A existência de uma rede de equipamentos de utilização colectiva é um factor determinante na escolha do local de residência e uma garantia da qualidade de vida e satisfação da população local.*⁴⁵

Os diferentes espaços públicos induzem de diversas formas o nosso quotidiano social e os equipamentos de utilização colectiva, à excepção dos educativos, eram quase inexistentes no quotidiano rural.

Manter ou atrair a população para um aglomerado urbano como Góis depende em muito dos equipamentos e serviços que aí existirem - entre os quais, equipamentos escolares, desportivos e culturais.

A educação é um vector fundamental numa estratégia de desenvolvimento. Em Góis foi criada uma carta educativa - um documento estruturante da política educativa - que tende a sujeitar a rede escolar a sucessivas melhorias.

A nível nacional, o concelho de Góis apresenta, segundo indicadores sectoriais do índice de desenvolvimento municipal, uma orientação distinta – positiva - ao nível do Ambiente e Qualidade de Vida e dos Serviços de Apoio à População.

A acção social é uma área privilegiada na dinâmica municipal. Todo o concelho está abrangido por uma forte rede, um conjunto diversificado de instituições e organismos

⁴⁴ *Ibidem*, p.3.

⁴⁵ SPI - Programa Director de Inovação, Competitividade e Empreendedorismo para o Município de Góis, p.35

locais que se complementam, constituindo uma plataforma de excelência para a inclusão e solidariedade, entre elas a CPCJ (Comissão de Protecção de Crianças e Jovens), a Rede Social, a Santa Casa da Misericórdia, a Cáritas Diocesana de Coimbra e o Centro Social Rocha Barros.

A actual atenção concelhia a novos equipamentos culturais revela uma preocupação com o fomento das actividades culturais. Na vila de Góis são exemplo, a Biblioteca Municipal, a Casa do Artista (reservada a exposições e/ou conferências), a Casa-Museu Alice Sande e a AERG (Associação Educativa e Recreativa de Góis). Também reduzida é a oferta de espaços de recreio e lazer, contando-se no aglomerado urbano em estudo, o Cerejal, as praias fluviais da Peneda e do Cerejal, o Parque do Castelo - quase nunca frequentado - e o conjunto de equipamentos desportivos - os campos de ténis, o pavilhão gimno-desportivo, o campo de futebol e o circuito de manutenção.

Actualmente, o município promove um calendário anual de actividades de forma a, promover o turismo e a cultura, dos quais constam desde festivais artísticos - *Góisarte* - a festivais motorizados - *Rally de Góis* e *Concentração Motard* - e festivais e encontros culturais - *Feira dos Santos*, *Encontros de Pesca*, etc. Neste sentido a importância da existência de grupos culturais é fundamental, tais como os Ranchos Folclóricos, a AERG e Grupos de Violas e Cantares. Empresas locais, também, apostam na cultura e no desporto, contribuindo para a visibilidade do concelho a nível nacional e internacional.

Sendo um município privilegiado que aposta na inclusão social e nas pessoas, são de extrema importância certas associações como os Bombeiros Voluntários, a ADIBER (Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra), a AERG, a Associação da Juventude e a Associação de Escoteiros de Portugal - Grupo 74 de Góis.

Em Góis, é possível a prática de desportos de aventura em contacto com a natureza. Um dos factores mais peculiares da vila de Góis é a sua paisagem envolvente. A presença da Serra do Rabadão, do Rio Ceira e do Penedo de Góis, propiciam uma paisagem natural de distinção. *A qualidade ambiental é um trunfo(...) e uma*



31| Concentração Motard. Vista sobre a Ponte Nova e o espaço a jusante onde ficam acampados.



32| GóisArte. Cerejal.

*característica cada vez mais valorizada e procurada pela população, cansada do stress cidadão.*⁴⁶

A esta junta-se o vasto legado arquitectónico que deveriam conferir a Góis uma identidade própria e uma forte potencialidade.

Góis Amanhã . Projectos Futuros

Numa análise de um aglomerado urbano como Góis, não é apenas indispensável analisar o passado e o presente como, também, conhecer as novas iniciativas de desejo de mudança, que da mesma forma que os tempos anteriores influenciam uma estratégia futura de projecto pensada para Góis. Em *Góis Amanhã*, explica-se de forma sucinta, dois projectos, já em realização e com maior relevância para o trabalho em questão e um outro, actualmente suspenso, com uma importância à escala territorial.

O Novo Eixo Rodoviário

A partir da entrada rodoviária de Góis, a ponte, direcção Lousã e Pampilhosa da Serra - EN2 - surge um novo eixo rodoviário que, passando por cima do Campo de Futebol - o qual sofreu recentemente obras de remodelação, com uma nova entrada para esta via - liga estes pontos à zona industrial e seguidamente à EN342, de modo a impedir que o grande tráfego circule numa área habitacional.

A Casa da Cultura

A sede da AERG (Associação Educativa e Recreativa de Góis) está, como anteriormente mencionado, em fase de construção. A ser erigida no lugar da antiga, o projecto

⁴⁶ *Ibidem*, p.49



— Nova Via

— Casa da Cultura

pretende manter a fachada da anterior. Mandada edificar em 1912 para futuro cine-teatro da vila, que pudesse funcionar em simultâneo como cinematógrafo, clube e restaurante.

Actualmente, a AERG contempla actividades culturais e desportivas - a Filarmónica Goense a Escola de Formação Musical, o Coro Misto, a Escola de Concertinas e Instrumentos de Cordas (violas e cavaquinhos) e a Secção de Judo - a funcionar em espaços provisórios.

O projecto actual da sua sede expande o pequeno edifício de 1912 na direcção do rio, conferindo-lhe uma maior sala de espectáculos/conferências, bar, três salas de ensaios, salas de apoios técnicos, etc.

Concessão do Pinhal Interior Norte

A Concessão do Pinhal Interior Norte tem como objectivo ligar o interior do distrito de Coimbra aos nós viários principais, tal como a A1. Pressupõe uma extensão de 34km da EN342 – Lousã-Góis-Arganil-Côja- acrescida da ligação ao IC6 e consecutivamente à A1.

O projecto foi aprovado, contudo encontra-se suspenso por falta de verbas.

PARA GÓIS

Perspectivas de Futuro

Góis, como já mencionado, é uma vila portuguesa - um aglomerado urbano - que cresce descontroladamente. Esse desequilíbrio provocou inevitavelmente uma perda de identidade.

*Quando visitamos uma cidade, a nossa recordação é marcada pelo que se passa no seu exterior, no seu espaço público, tanto numa perspectiva física como humana. A aposta feita por muitas cidades na reabilitação de seu espaço público consiste em simultâneo numa aposta da sua identidade e na diferenciação face às demais.*⁴⁷

Actualmente, *viver* Góis torna-se sufocante, na medida em que o habitante, o visitante, não mantém qualquer relação de proximidade e de pertença com a vila. As vivências da população tornaram-se estáticas. Esta quando não está em deslocções casa-trabalho-casa concentra-se em esplanadas nos passeios da vila ou mantém-se fechada dentro da sua própria habitação.

O estudo de um espaço expectante, outrora com relativa importância no contexto urbano e social de Góis e actualmente sem uso, apenas um grande vazio central urbano, torna-se fundamental numa tentativa de inversão da realidade supracitada.

A vila de Góis precisa urgentemente de uma perspectiva de futuro coerente e reflectida para se reinventar sem se continuar a perder.

⁴⁷ GONÇALVES, Jorge Manuel – *Os espaços públicos na reconfiguração física e social da cidade*, p. 257



34 | Góis. Visto de Sudeste

Desejo

A necessidade de Regeneração

O que realmente permite transformar a vida de uma cidade é a existência de uma vontade de mudança, e uma visão estratégica e solidária. E que as populações sejam capazes de entender o que a cidade necessita, que a maioria dos cidadãos identifique os cenários de futuro que desejam. - Jaime Lerner⁴⁸.

O espaço urbano é um reflexo dos estados de evolução. Ao longo das últimas décadas, em Góis, assistiu-se a um ritmo de crescimento – ao nível habitacional - alucinante e descontrolado e a vila evoluiu sem qualquer tipo de lógica de planeamento. Este fenómeno gerou um sentimento antagónico na população que tenta viver Góis. Um conforto desconfortável. É evidente uma necessidade de melhorar a qualidade de vida – desconforto – , porém a fórmula usada – conforto –pertence à época da explosão construtiva.

*O deixa estar, o até é engraçada fazemos igual, o não é preciso mais, isto chega – a rotina, começa a entediar os mais novos e a cansar os mais velhos. Góis tornou-se monótono e vive apenas para os *forasteiros* que aparecem em Agosto. As vivências da população tornaram-se estáticas.*

Os habitantes desta pequena e pacata – por demasiado – vila deslocam-se na sua grande maioria de automóvel. Raro é aquele que percorre as suas ruas, que se deslumbra com o seu passado. Raro é aquele que se reconhece em Góis.

⁴⁸ Jaime Lerner - nascido em 1937 - é um político, arquitecto e urbanista brasileiro.

Para nos reconhecermos num lugar, para o conhecermos e criarmos familiaridade, para nos sentirmos confortáveis neste, é necessário percorrê-lo. Para sabermos se gostamos deste espaço ou daquele, é preciso vivê-los, não simplesmente por eles passar.

É urgente inverter esta situação. *Tudo se liga à necessidade de não repetir mais, os mesmos erros, já os repetimos vezes sem conta.*⁴⁹

Apesar de já existirem alguns esforços neste sentido, estes não são por si só suficientes. A reabilitação de parte das ruas do centro histórico, que lhes confere um carácter predominantemente pedonal, é um primeiro passo neste sentido de conexão afectiva com o lugar.

A falta de coesão do tecido urbano de Góis remete-nos para a necessidade de uma referência unificadora do todo. Uma identificação cultural com a memória colectiva. A evidência dessa identidade justifica uma estratégia de desenvolvimento que valorize, em vez de sufocar, o património.

*Uma cidade exige territórios articulados, lugares com capacidade de serem centralidades integradoras e polivalentes constituídos por tecidos urbanos heterogéneos social e funcionalmente.*⁵⁰

Esta vila carece, visivelmente, de uma continuidade. É urgente desmitificar a ideia de crescimento como resultado da expansão urbana. *Densidade não é o mesmo que intensidade.*⁵¹

Assim, parece essencial aproveitar uma oportunidade, que se materializa num vazio urbano, de grande valor potencial - urbano, económico e promocional. Resulta da margem esquerda do rio Ceira e ocupa um lugar privilegiado na vila, para além de fazer a transição entre a zona histórica e as áreas de expansão mais recentes, situa-se numa área central.

⁴⁹ COELHO, António Baptista – Habitar com qualidade e urbanidade.

⁵⁰ GRAÇA, Miguel Silva – Espaços Públicos e Uso Colectivo de Espaços Privados, p.3

⁵¹ FERREIRA, Margarida Sofia Rodrigues - Montemor-o-Velho interpretar e relançar : pensamento estratégico, p.38.



35| Rua do Centro histórico.



— Margem Esquerda

— Margem Direita

36| Área de Intervenção

As zonas de expansão mais recentes deverão ser encaradas como complementares às áreas consolidadas. Deste modo, ao intervir no sentido descrito, numa lógica de adaptação aos tecidos já existentes e não em confronto com estes, e numa área tão central é indispensável pensar no conjunto do tecido urbano e consequentemente, com a mesma importância nos vazios urbanos adjacentes a este.

Área de Intervenção. A oportunidade

*Entendemos como oportunidades aqueles tipos de intervenção, nem sempre previstos ou previsíveis, que podem orientar o desenvolvimento urbano com implicações na qualidade de vida, competitividade económica, coesão social e sustentabilidade ambiental.*⁵²

A área a requalificar nesta proposta urbana apresenta-se como um espaço expectante, central e na mediação entre a vila antiga e compacta e a sua periferia, com um grande potencial para o desenvolvimento de Góis.

A Margem Esquerda

A margem esquerda do rio Ceira durante os períodos de evolução da vila sempre se manteve à distância desta. Nos tempos primórdios terá existido nas suas imediações pequenos aglomerados dos quais se manteve algum traçado até aos nossos dias. Desde cedo, também esta área serviu de terreno público, de encontro, de praça - no sentido social. Pensa-se que aí terá nascido a vila que hoje conhecemos como Góis – *Goes Velho*. Ainda nos finais do século XIX, a população se dirigia ao *Terreiro da Forca* – designação que se pensa originária do *Goes Velho* - e aí se deslumbrava, na sombra das árvores e com a frescura do Ceira, a visualizar a vila. Com o inevitável passar do

⁵² PORTAS, Nuno. *et al* – *Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades*, p. 205.

tempo – com a evolução – a população começou a procurar outros espaços, deixando este ao abandono.

Esta área central é delimitada a poente pela Avenida Dr. Padre António Dinis, a nascente pelo rio Ceira, a sul pelo Parque Chico Ceras recentemente requalificado e a norte por uma moradia do século XX em bom estado de conservação, nas imediações da Praia Fluvial do Cerejal.

O Parque Chico Ceras é um espaço requalificado como limite da Praia Fluvial da Peneda – a área com mais afluência nos períodos de calor. Este contempla uma pequena área com mesas para piqueniques e umas ruínas de um antigo moinho, cujo interior contempla um percurso sobre a água.

Para norte até à ponte mais recente, esta margem ainda contempla uma ligação do Cerejal à avenida supracitada através de umas escadas de betão e uma ponte de ferro do século XX, pequenos campos agrícolas, e um espaço destinado às feiras e festas da vila.

Segundo o PDM esta área corresponde a uma zona verde. Apesar de, segundo os critérios só ser permitido edificado de apoio às actividades que aí se proponham, existe a sul um edifício habitacional com uma cércea de 6 metros em relação à cota da soleira – na avenida supracitada – e com um piso inferior, aparentando 3 pisos para quem o observa da margem direita. Este foi edificado no lugar de parte do Solar dos Sanches – do século XVI – que se encontrava em ruínas, mantendo a sul o restante solar. Relativamente no centro da área de intervenção existe outra moradia do século XX, em mau estado de conservação.

A Avenida Dr. Padre António Dinis apresenta uma diferença de cota de sensivelmente 5 metros em relação à zona verde. Foi em tempos um troço da EN2 e da EN342. É um exemplo do que Álvaro Domingues menciona no seu livro *A Rua da Estrada*. Esta via que designam de avenida não é rua nem é estrada e é as duas ao mesmo tempo. Apresenta-se como rua, no sentido em que está delimitada por fachadas. Deveria ser um espaço público que além de um carácter de passagem apresenta-se um carácter de permanência e este perde-se quando desaparece as condições para presença pedestre



38| Praia Fluvial do Cerejal.



37| Avenida Dr.Padre António Dinis. Espaço pré-
edificado para o qual estavam propostos dois edifícios de
habitação colectiva.



39| Parque Chico Ceras.



40| Margem Esquerda. Vista do Parque Chico Ceras

e se fomenta o movimento, a circulação rápida de veículos. O espaço do automóvel confunde-se com o do peão. E apresenta-se como estrada, na medida em que foi concebida para a movimentação rápida de veículos motorizados. A dimensão dos seus passeios é muito reduzida e em conjunto com o tipo de pavimento torna-se desconfortável e inseguro para os peões.

A poente desta avenida e no limite com a Avenida Manuel Ferreira da Maia Sarrazola existem três vazios urbanos importantes para a continuidade do tecido urbano e para a promoção da qualidade de vida e da identidade urbana. Dois a sul da Rua Dr. Hermano Neves e outro a norte. Todos resultam da espontaneidade com que evoluiu a vila nas últimas décadas. São áreas deixadas para futura construção entre moradias já edificadas. Porém aquela que está mais próxima da avenida supracitada, resulta de espaço pré-edificado. Supostamente deveria compreender dois edifícios de habitação colectiva, com comércio no piso 0, com uma cércea de 12 metros e garagens nas traseiras porém, apenas foi construído o edifício a sul e as garagens, deixando o restante espaço ao abandono.

A Margem Direita

A margem direita – a Avenida Engenheiro Álvaro de Paula Dias Nogueira – foi requalificada no final do século XX. Contudo é necessário pensá-la, uma vez que este é um projecto urbano que tenta inverter o sentido de planeamento existente em Góis, planeia-se por partes e não se pensa o todo.

Na margem direita existe também, um grande vazio urbano, com carácter central. Este está delimitado pela antiga Rua da Ponte Fundeira⁵³, por uma ribeira a norte, pela Rua Stanley Mitchell e as suas moradias, a sul, e a Rua Comandante Henrique Bebiano Neves, a nascente. A ribeira separa esta área, do Cerejal e de algumas moradias, através de um muro de xisto. Na rua a nascente deparamo-nos a sul com um edifício de habitação colectiva e comércio com uma cércea à cota da soleira de 12 metros e com garagens no piso -1 e a norte com uma moradia unifamiliar de dois pisos. As

⁵³ Avenida Engenheiro Álvaro de Paula Dias Nogueira.



42| Capela de Santo António.



41| Área de Intervenção. Vista da Rua Comandante Henrique Bebiano Neves.



44| Área de Intervenção na Margem Direita. Vista da Avenida Engenheiro Álvaro de Paula Dias Nogueira.



43| Avenida Engenheiro Álvaro de Paula Dias Nogueira.

moradias que circundam esta área têm uma cércea média de 6 metros e apresentam-se em bom estado de conservação. Um momento fundamental desta área é a Capela de Santo António do século XVI, junto ao rio.

O conjunto de todos estes vazios urbanos numa área tão central com fortes relações com a restante malha urbana criam uma oportunidade – um estímulo - para uma evolução sustentável para Góis.

Na procura de um carácter futuro surge a possibilidade de criar áreas de nova centralidade. *a centralidade urbana traduz-se na criação ou na intensificação de fluxos para espaços polarizados devido à presença de equipamentos simbólicos ou prestigiados.*⁵⁴ Os espaços simbólicos apresentam capacidade de representação da imagem urbana, de identidade.

⁵⁴ MENDES, Maria Clara *in* CARDOSO, Filipa Alfaro. Waterfronts: Cidades de água, p.73

Góis Futuro

A Estratégia

a cidade designa um conceito de habitat que potencia a comunicação e a colaboração, a troca se se quiser, e se é estrutural a relação entre cidade social e cidade arquitectural, não poderá a cidade ser traduzida por um conjunto de partes mas sim por um conjunto de relações entre partes⁵⁵

A estratégia para revitalizar Góis baseia-se nas suas memórias, no seu passado e principalmente, nas oportunidades, nas qualidades e nas valências que esta vila apresenta.

A paisagem de Góis, assim como marcos presentes do seu passado, são o que caracterizam a vila, e deste modo, fazem com que nos identifiquemos com ela.

O rio Ceira manteve até hoje um carácter de contemplação. As trocas sociais que se realizavam nas suas margens desapareceram quase por completo, à excepção das épocas de Calor, essencialmente em Agosto, em que se torna um polo de atracção com as suas esplanadas e as praias fluviais.

À parte do rio e da sua época de lazer, a imagem que melhor identifica Góis é a Ponte Manuelina sobre o Ceira, um símbolo da vila, da sua memória colectiva. É a partir deste dois momentos que se vai elaborar um projecto estratégico para Góis.

⁵⁵ PORTAS, Nuno. *A Cidade Como Arquitectura*, p.128.

O projecto estratégico pretende não só trazer vida de novo ao rio como, também, trazer vida à vila durante todo o ano e não apenas numa época específica. Em Góis escasseiam espaços para troca, para comunicação e colaboração. Isto só poderá acontecer se os utentes se identificarem com o espaço, para tal é preciso *convidar o peão a olhar à sua volta*⁵⁶. Os espaços deixados ao abandono entre as manchas construídas tornam-se desconfortáveis e inseguros, na sua maioria desconhecidos aos olhares de quem visita ou vive a vila. A mobilidade é, em parte, prejudicada pelas actuais descontinuidades. Numa vila tão pequena é triste perceber que a sua população se desloca na sua grande maioria de automóvel. Deste modo, a estratégia apresentada secundariza o papel do automóvel, não esquecendo a sua importância nas vivências actuais, no conforto a que nos habituámos, numa tentativa de estimular o deslocamento pedonal, proporcionando uma melhor qualidade de vida, de vivências humanas, de relações sociais, de contacto com o nosso meio, com a vila que nos rodeia, e com a qual não estabelecemos qualquer ligação.

Para contrariar esta tendência, o tecido urbano de Góis tem de deixar de ser pensado por partes, mas sim como um todo, *por conjunto de relações entre partes*⁵⁷.

Apesar de se apresentar uma estratégia global e unificadora para Góis, de modo a se tornar mais acessível a sua percepção dividiu-se, na teoria, em 3 grandes momentos.

. A margem esquerda

- A nova via.
- As residências.
- O parque da vila.
- Os equipamentos hoteleiros.

. As ligações entre as margens

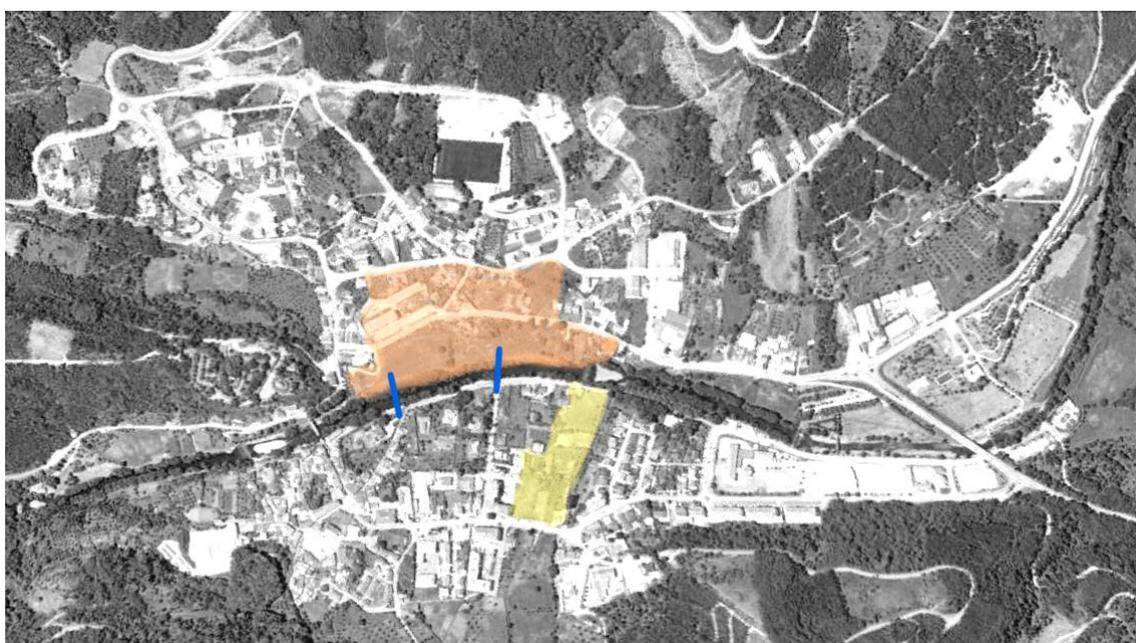
- A articulação com o centro histórico
- A articulação entre os núcleos mais recentes

. A margem direita

- O parque cultural.

⁵⁶ PIMENTA, Luísa - *Cidade à Margem*, p. 89.

⁵⁷ PORTAS, Nuno - *A Cidade Como Arquitectura*, p.128.



— Margem Esquerda

— Margem Direita

— Ligações entre Margens

Estes momentos, através dos quais se propõe a *coser* o tecido urbano de Góis, geram novas centralidades e permitem a ligação e a continuidade entre estas e os restantes espaços já existentes. Pretendem ser espaços de encontro multi-referenciais, privilegiando as relações entre os espaços existentes e propostos, acentuando o carácter de conforto, segurança e mobilidade. A utilização e a durabilidade dos espaços de conexão aqui propostos adquire-se pela variedade e flexibilidade proposta.

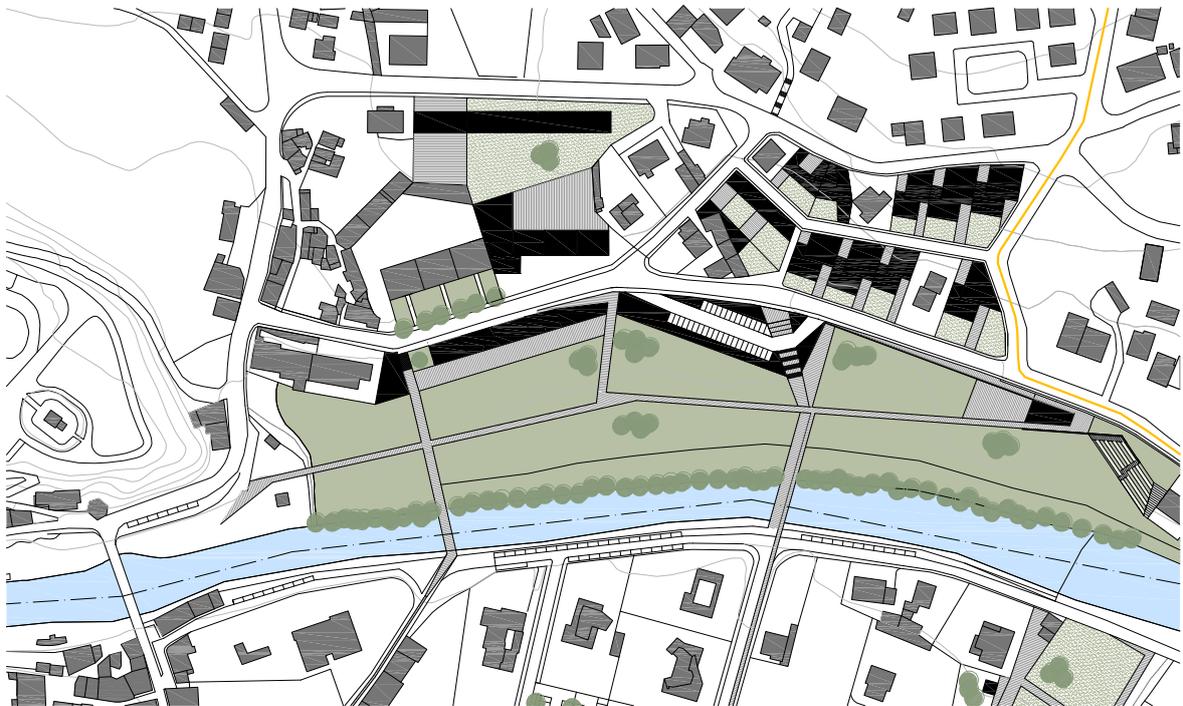
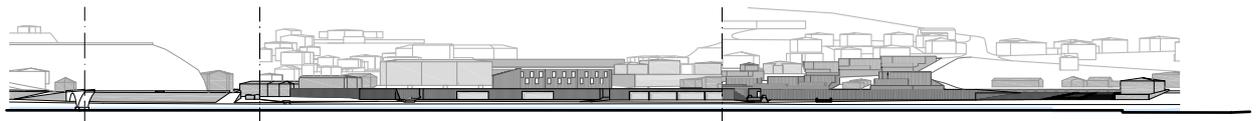
*a própria multifuncionalidade do espaço público é determinante, porque permite ao cidadão a realização de um conjunto diversificado de actividades sociais, lúdicas, culturais, desportivas, entre outros, aumentando o seu grau/nível de utilização e apropriação. A monofuncionalidade dos territórios contribui, pelo contrário, para a desertificação dos espaços ou para a sua apropriação por grupos marginais ou com motivações específicas.*⁵⁸

A Margem Esquerda. Nova Centralidade

A margem esquerda fortemente caracterizada por uma área de expansão explosiva, mantém na sua proximidade ao rio, um espaço deixado indiferente as transformações ocorridas na vila, cuja sua pureza foi sendo fortemente desventrada por construções do final do século XX.

Numa malha urbana fortemente marcada propõe-se uma nova via com capacidade indutora de novas dinâmicas para o projecto proposto e conseqüentemente para a vila, um conjunto de residências, um espaço público – o Parque de Vila – um espaço identitário, de convívio, de trocas e dinâmicas sociais e dois equipamentos relacionados fortemente com o turismo – o Hotel e a Escola de Turismo e Hotelaria.

⁵⁸ GONÇALVES, Jorge Manuel - *Os espaços públicos na reconversão física e social da cidade*, p. 54.



0 10 40 m

46 | Planta de cobertura e perfil da proposta para a margem esquerda.

A Nova Via

Actualmente a entrada na área mais recente de expansão, essencialmente residencial, faz-se a norte pela zona industrial. Assim, a nova via proposta retira o trânsito casual da zona industrial e permite a fluência de peões com outro conforto, sem os obrigar a passar numa área tão descaracterizada destinada à indústria.

Esta via surge na sequência do novo eixo rodoviário em construção. Criando um novo atravessamento, permite a passagem rodoviária de maior velocidade circular à vila, penetrando-a apenas em pontos específicos. Isto vai possibilitar um novo desenho da Avenida Dr. Padre António Dinis de forma a que perca a indefinição de *rua-estrada* e se torne apenas rua. Com trânsito lento e condicionado esta avenida vai assegurar a articulação entre os diversos espaços com a segurança e conforto essenciais para a melhoria da qualidade de vida.

As Residências

Adjacente a esta nova via propõe-se um conjunto de residências unifamiliares. A presença da habitação nesta estratégia global reforça a ideia de densificação, de consolidação de uma malha fragmentada. Reforça a ideia de que existem espaços vazios no interior do tecido urbano em estudo que precisam de ser pensados, antes de se ponderar em edificar na sua periferia.

Estas moradias estabelecem uma relação de proximidade com a referida avenida e o parque da vila proposto.

O Parque da Vila

A área delimitada pela avenida supracitada requalificada, pelo Parque Chico Ceras, a norte por uma moradia do século XX e a nascente pelo rio Ceira apresenta condições para se sujeitar a uma transformação em parque da vila. Um espaço com forte potencial de fomentar *a comunicação entre gerações, etnias ou grupos sociais, residentes e visitantes, elites e massas (...)* uma função que hoje algumas cidades



47 | Margem Esquerda. Parque da Vila.

*assumem como estratégia própria*⁵⁹. Um espaço com grande capacidade atractiva, capaz de fomentar o encontro, a reunião, a fruição comunitária, de promover uma correcta articulação com tecido urbano e de desenvolver uma valência de nova centralidade.

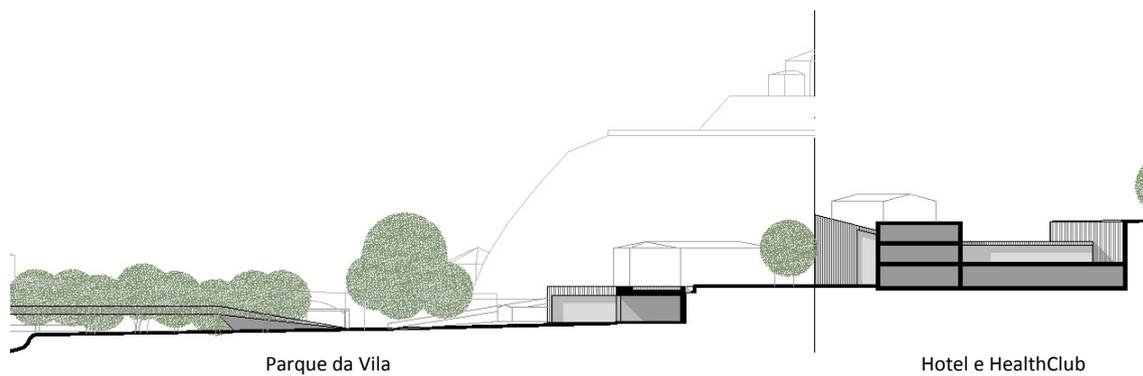
Sem descuidar das memórias presentes, da paisagem envolvente, decide-se deixar a margem mais imediata quase virgem. A vegetação que esta apresenta mantém-se, sendo interrompida apenas pelas duas novas pontes.

Tendo por base a memória colectiva – a ponte Manuelina, os antigos muros de pedra que se prologam desde esta e suportam os percursos e as vias de cota superior – a sensação de continuidade projecta-se num espaço público de morfologia durável, com percursos pedonais e cicloviários, circuitos de manutenção, equipamentos de lazer – desportivos e de restauração – e culturais – um pequeno auditório ao ar livre. (ver Apêndices – Planta de Cobertura)

Os equipamentos surgem como continuidade dos muros de pedra anteriormente referidos, como se o limite não fosse a avenida, dando a sensação de que podemos entrar nos muros – equipamentos – ou aceder por estes à cota superior, e conseqüentemente à área recente de expansão. (ver Apêndices – Perfil D)

De sul para norte, se percorrermos o parque a partir do Parque Chico Ceras deparamo-nos a ponte com os equipamentos de restauração, posteriormente com o de desporto, e conseqüentemente com o auditório ao ar livre. Este auditório não aparenta a mesma continuidade que os anteriores, porém surge como prolongamento da área verde. O seu desenho prevê a sua utilização para quando não for aproveitado com o seu principal pressuposto uso. Não existindo qualquer estrutura de palco, é um espaço que pode ser usufruído para relaxe, leitura, descanso, etc. A entrada neste novo parque pelo anterior realiza-se por uma pequena ponte sobre a Ribeira de Alvé, afluente do Ceira, contínua do percurso pedonal principal do parque, existindo um secundário a uma cota inferior mais perto do rio. O percurso principal é a linha estruturadora de todo o parque, com um desenho quase paralelo ao rio. Num primeiro

⁵⁹ PORTAS, Nuno. *et al* – *Políticas Urbanas: Tendências, Estratégias e Oportunidades*, p.102.



48| Relações entre os equipamentos propostos para a margem esquerda. Imagens dos cortes produzidos.

momento mantém um paralelismo com o equipamento de restauração e a Avenida Dr. Padre António Dinis e num segundo momento adquire uma direcção em parte paralela ao curso do rio e como um desenho que sugere a entrada ou a saída do parque por uma rampa, comum instante de pausa ao nível superior do auditório, o que gera uma passagem para o mesmo. Esta entrada/saída do parque mantém o aspecto formal dos equipamentos – o limite que não bloqueia, pelo contrário permite a passagem.

O equipamento de restauração pressupõe três espaços destinados a bares, restaurantes e/ou cafeterias e instalações sanitárias de apoio. A sua cobertura é transitável à cota da avenida, presume a ligação entre a cota da avenida supracitada e o parque e proporciona um espaço de miradouro sobre este e a vila antiga e consolidada.

O equipamento desportivo surge da adaptação do espaço de implantação da moradia em mau estado de conservação. Considera-se a demolição da habitação sem qualquer sentido urbanístico, paisagístico ou identitário, e o muro que se prolonga desde a ponte Manuelina adquire nova direcção afastando-se da avenida. A sua cobertura, apesar de transitável e com grande visibilidade sobre a margem direita destina-se a um ponto de chegada ao parque, com um acesso que articula a margem maioritariamente residencial com a área central de serviços através da nova ponte pedonal mais a jusante, e a um parque de estacionamento de apoio ao parque. Este equipamento contempla no interior campos de jogos e espaços de apoio aos mesmos. Apesar de não existirem em abundância, podemos encontrar campos de jogos ao ar livre, no Cerejal e na área destinada à Concentração Motard. A formalização do edifício, de modo a que possa ser usufruído nas diferentes estações do ano e com os diferentes climas, deverá indicar a percepção de que se está a jogar num parque, num espaço verde e não num equipamento desportivo fechado. As grandes aberturas neste *muro de pedra* pretendem transmitir a continuidade do parque para o interior do edifício, dar a quase sensação de se estar a jogar no exterior, e possibilitar o seu fecho sem perder a visibilidade dessa continuação, quando o tempo – meteorológico – assim o exigir.

O percurso pedonal inferior e secundário apresenta, no espaço do parque, um desenho quase tosco, como se quisesse passar despercebido no verde que o rodeia,



49| Parque da Vila. Vista pelo Parque Chico Ceras.

porém à saída deste em direcção ao espaço das feiras/festas junto à ponte rodoviária adquire o estatuto de passadiço, ligando toda esta margem ao nível do rio.

A variedade de equipamentos colectivos *não é em si mesma um fim, mas um meio para melhorar a qualidade de vida*⁶⁰. Estes espaços colectivos suportam actividades de horário alargado, pressupõem a utilização por diversos tipos de utentes, com gostos, vivências e horários diferentes.

Esta multifuncionalidade é um dos factores mais importantes para garantir a mobilidade em Góis. As pessoas que usufruem do parque garantem a sua segurança, dos acessos que este contempla e, consecutivamente, contribuem para o aumento do conforto na deslocação pedonal.

Os Equipamentos Hoteleiros

Góis é procurado todos os anos pelas suas águas límpidas e pela sua bela paisagem. Apesar da grande afluência com maior destaque no Verão, não existem em Góis infra-estruturas de hotelaria suficientes em quantidade e qualidade.

O projecto apresenta dois equipamentos relacionados com a hotelaria. Um hotel e uma escola de hotelaria e turismo. Com programas complementares, os equipamentos interligam-se. Pressupõe-se um funcionamento conjunto.

O hotel torna-se um momento fulcral da estratégia. É um equipamento com grande presença e facilmente adquire um valor simbólico. Deste modo, a localização escolhida é visível de grande parte da vila e encontra-se, hoje, totalmente descaracterizada. Imediatamente a sul, mas na mesma área – com as mesmas características – existe um edifício de habitação colectiva e comercio desconectado e em conflito com a envolvente. A requalificação desta área é fundamental para uma melhor leitura de Góis, para que não se sinta um desconforto quando se olha para a margem esquerda, para sentirmos a tão desejada continuidade – a vila como um todo. O resultado formal do seu projecto é definitivo para o bom enquadramento do projecto global.

⁶⁰ *Ibidem*, p.102.



50| Passadiço existente na Praia Fluvial da Peneda.

O hotel proposto baseia-se num programa de um hotel de 4 estrelas com healthclub e spa. Garante um número de quartos, cerca de 40, razoáveis para o turismo que Góis recebe no Verão e pretende receber, actualmente sem condições, no restante ano e pressupõe outros serviços – healthclub e spa, restaurante, bar – que podem ser usufruídos pela população em geral e resultam de uma mais-valia para o bom funcionamento deste equipamento.

Adopta uma direcção diferente do edifício a sul, assumindo uma relação de diferença e não de extrema continuidade, pois este edifício não está inscrito em nenhuma lógica urbana e é um marco da vila pela negativa. A frente deste edifício para a avenida também é redesenhada, numa tentativa de minimizar os danos por este causados. (ver Apêndices – Planta de Cobertura)

Recuado em relação à Avenida Dr. Padre António Dinis apresenta uma pequena praça de descanso, contemplação, um *foyer* exterior do próprio hotel que nos dirige até a entrada do mesmo. (ver Apêndices – Perfil A)

A entrada no hotel realiza-se pelo volume mais avançado. Este presume a sustentação de serviços, como a recepção, no piso 0 e o restaurante num piso superior. O desenho deste volume baseia-se nas habitações da vila com os telhados de duas e quatro águas, e estende-se até à encosta, onde adquire um carácter horizontal.

O volume mais recuado, visível da praça contempla essencialmente os quartos. A sua aparência fragmentada em 3 volumes menores baseia-se nas dimensões existentes no tecido urbano da vila, a habitação do centro histórico e as moradias unifamiliares.

Na mesma linha de pensamento baseado na envolvente, o edifício não tenta repor o declive outrora existente, agarra-se à encosta com o volume e uma plataforma horizontal. A plataforma adquire um estatuto de espaço exterior com uma possível extensão do healthclub, um espaço de lazer e relaxe.

O volume horizontal prolonga-se pelo interior da encosta estabelecendo a ligação à escola de hotelaria e turismo. Esta complementaridade de usos entre os equipamentos está representada a nível do projecto quando o hotel adquire a direcção da escola. (ver Apêndices – Perfil B)



51 | Praça de entrada no hotel.

Em Góis, o ensino existente não contempla o secundário e o ensino superior. Quem quiser continuar a estudar após o 9º ano vê-se obrigado a abandonar a vila, sendo nalguns casos – principalmente até ao 12º ano – apenas durante o dia. Muitos são os jovens goienses que com a pouca vontade de estudar e a necessidade de trabalhar abandonam os estudos no 9º ano. Uma escola profissional proporcionar-lhes-á uma nova oportunidade de vida. Encontrando-se Góis extremamente virado para o turismo, esta parece ser uma mais-valia para o seu desenvolvimento. A oferta formativa numa escola de hotelaria e turismo tem a capacidade atractiva para o concelho de Góis e concelhos adjacentes, atraindo novos habitantes para este novo centro.

Ligações entre margens. A continuidade

A ligação entre as duas margens de Góis realiza-se, actualmente, por quatro pontes. Duas supõem em simultâneo a passagem de veículos e peões, sendo que na mais antiga, o espaço pedonal se confunde com o rodoviário. Esta última de carácter histórico, Manuelina, representa uma entrada na vila que se realiza desde o século XVI e articula directamente com o núcleo antigo. É uma ponte de acesso condicionado a veículos pesados e era até 1995 o único acesso à margem direita, onde se situam a maioria dos serviços e das vivências da vila. A outra mais recente garante a circulação de veículos pesados sem a passagem em Góis ou para entrada dos mesmos na vila. As restantes pontes, uma de ferro e outra de madeira, contemplam apenas o acesso pedonal. A ponte de ferro articula a margem esquerda, junto à zona industrial por umas escadas em betão, com o cerejal na margem direita. A ponte de madeira liga a área onde se situam equipamentos como a Escola EB 2,3 e o pavilhão gimno-desportivo à área onde se realizam as feiras e as festas da vila.



52 | Ponte pedonal de ferro.



53 | Ponte pedonal de madeira.



54 | Ponte de três arcos.



55 | Ponte nova, edificada em 1995.

Porém estes atravessamentos existentes não são suficientes para garantir uma boa mobilidade. Para melhorar as acessibilidades entre margens e de forma a articular os diversos espaços, propõe-se a sobreposição do rio Ceira por duas pontes com carácter pedonal, mas com dimensões suficientes para num futuro, provavelmente distante, facilmente se adaptarem e compreenderem também a passagem rodoviária. Ambas as pontes propostas articulam as margens através do parque da vila proposto como alternativa ao grande vazio urbano sem definição qualitativa na margem esquerda. Os seus perfis apresentam uma solução convexa semelhante à ponte Manuelina, de forma a conseguir vencer o leito de cheias do rio Ceira.

A ponte a montante articula este espaço, e conseqüentemente a zona de expansão mais recente, com o centro histórico, através da Rua de Santo António. Simboliza a mais antiga entrada na vila. A continuidade entre o novo e o antigo é garantido a partir de um desenho urbano que se prolonga do centro histórico para o novo parque. Porém ao atravessar esta ponte e percorrendo a rua supracitada, o primeiro momento com o qual nos deparamos não é mais a antiga Praça Pequena, uma vez que já não faz parte da memória colectiva da população, assim como a maioria dos edifícios que a envolvem, mas sim a actual Praça da República, hoje muito descaracterizada. O desenho urbano já existente em parte do centro histórico e agora proposto numa lógica de prolongamento e continuidade, adquire neste Praça um carácter simbólico. Numa lógica de identidade, o eixo que a atravessa mantém-se, garantindo a memória que a população conserva com este *Passeio Público* de fins do século XIX, que se prolongou pela margem direita e hoje é uma das principais vias da vila. O restante desenho da praça foca-se no antigo Hospital, forte marco de identidade é um espaço que tem sido alvo de transformações interiores, no sentido de criar um espaço museológico, parte do qual já existe no seu pátio e nas suas instalações do Largo do Pombal. O desenho deste espaço público permite, ainda, assegurar os serviços que aí se situam, como uma praça de táxis, hoje situada a sudeste é pensada para noroeste, de forma a garantir a ênfase dada ao Hospital e tornando mais fácil a leitura de continuidade ao centro histórico, uma vez que a continuidade à restante vila está assegurada pelo antigo *Passeio Público*. (ver Apêndices – Planta de Cobertura)



56| Rua de Santo António. Em frente a Praça Pequena e seguidamente, a Praça da República.



57| Lagar nas margens do rio Ceira.

A ponte a jusante articula as áreas de expansão mais recentes a partir do parque da vila. Apresenta-se na continuidade de um espaço central, sem grande qualidade urbanística, de serviços, como correios, comércio, etc., e equipamentos, como o centro de saúde e a biblioteca municipal, como um estímulo à sua requalificação. A continuidade que esta ponte assegura transmite-se não só pelo espaço físico mas pelas dimensões idênticas à da Rua Stanley Mitchell e pelo desenho, garantindo através do pavimento a articulação dos dois parques propostos. (ver Apêndices – Planta de Cobertura)

A Margem Direita. A Afirmação

A garantia da continuidade dos percursos pedonais em situação de conforto é uma constante neste projecto.

A chegada à margem direita pelas novas pontes faz-se inevitavelmente pela Avenida Engenheiro Álvaro de Paula Dias Nogueira – ponte a jusante – ou pela sua sobreposição – ponte a montante. Esta avenida foi requalificada no final do século XX. Desta forma, não se prevê neste projecto grandes alterações a nível formal, mas é inevitável não intervir, ainda que muito reduzidamente. São repensados parte do seu desenho, as suas acessibilidades e os sentidos de circulação automóvel.

No início desta avenida encontra-se um antigo lagar alvo de uma tentativa de reabilitação não acabada. Situado num ponto fulcral para a imagem que cada um faz e estabelece com a vila, junto à ponte Manuelina, nas margens do rio Ceira e no início de um percurso à beira do mesmo é necessário assumir a sua importância, recuperá-lo e reprogramá-lo.

As margens e a água límpida do Ceira são um dos maiores atractivos de Góis, inclusive pela sua simples contemplação. Esta avenida referida à beira rio, que *desagua* no Cerejal, apresenta as condições quase perfeitas para esse deslumbre, não fosse pelo carácter de estacionamento a que se sujeitou ao longo dos anos. Para contrariar esta

situação, sensivelmente a meio desta sente-se a carência de desenho de uma nova via. Para tal, rasga-se uma rua de sentido único até à Rua Stanley Mitchell. Esta última a partir da nova intersecção até ao rio perde o duplo sentido e adquire uma ciclovia que se prolonga pelos dois parques. A proximidade aos polos de serviços, aos novos parques, às praias fluviais e ao rio e à futura Casa da Cultura e num vazio nas imediações das traseiras desta última criam-se as condições necessárias para a criação de um espaço de estacionamento nesta nova rua. O projecto da Casa da Cultura não prevê aparcamento próprio e as suas traseiras apresentam a capacidade de funcionar com entrada secundária, uma vez que contemplam o bar e um possível espaço de chegada. (ver Apêndices – Planta de Cobertura)

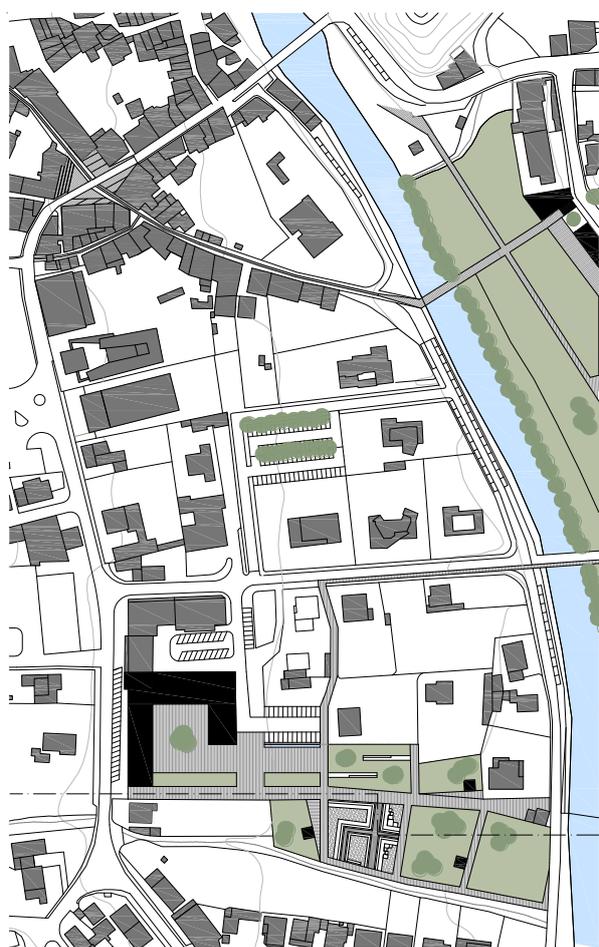
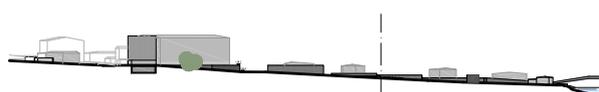
Com a nova via e a ponte a montante que articula com o centro histórico, a avenida perde uma das ligações rodoviária que mantinha com a Rua de Santo António. Esta rua com forte carácter histórico é hoje utilizada quase exclusivamente como saída do estacionamento à beira rio.

O Parque Cultural

Para garantir a frequência de um parque – espaço público – uma das condições necessárias relaciona-se com a *forma que cada individuo gere o seu tempo*⁶¹ – Tempo de satisfação das necessidades pessoais; Tempo contractual, relacionado com o trabalho pago e a educação; Tempo de empenho, ligado às tarefas domésticas e cuidados aos membros de família; Tempo de lazer, associado a actividades sociais, práticas de desporto, lazer passivo, actividades cívicas e religiosas⁶². A frequência dos espaços públicos faz-se numa parcela do tempo de lazer. Porém esta frequência tem ainda de competir com outras ofertas possíveis para ocupar o tempo sobranter. A variedade qualitativa de ofertas culturais, desportivas, etc. contribuirá em conjunto com os factores já mencionados como um atractivo para visitantes, para fixar actuais e novos habitantes.

⁶¹ GONÇALVES, Jorge Manuel – *Os espaços públicos na reconfiguração física e social da cidade*, p.154

⁶² LOPES E COELHO – As quatro categorias do tempo. *In Ibidem*.



0 40 m



58 | Planta e Perfil da proposta para a margem direita.

O grande vazio urbano na margem direita, encontrando-se num pólo central, apresenta condições ideais para a implantação de variados equipamentos.

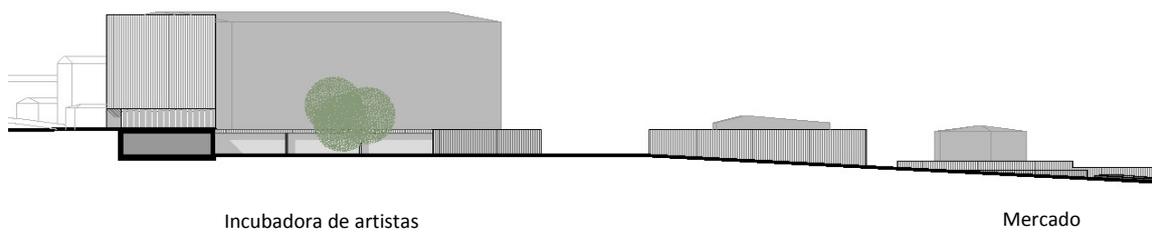
A primeira ideia para este espaço passava pela implantação de uma piscina municipal. A forte relação com o rio que esta vila mantém e sendo que o espaço mais próximo para a prática desportiva e federada de ensino de natação dista de cerca de 20 km de Góis, facilmente suscitou o seu interesse. Contudo, a malha urbana de Góis é bastante fragmentada e outro espaço se tornou mais atraente para a sua edificação – entre a Escola e o pavilhão gimno-desportivo, na entrada nordeste da vila. É um espaço unicamente destinado ao mercado municipal, realizado e montado uma vez por semana.

Para dar resposta a uma nova implantação do mercado municipal, num espaço com fortes relações com o rio, com a memória colectiva – a Capela de Santo António e os pequenos muros de pedra – e numa área de forte carácter centralizador, resolveu-se dedicar este espaço público à cultura.

Góis tem vindo a tentar distinguir-se das vilas e sedes mais próximas através de programas, encontros, exposições e workshops dedicados à cultura e fortemente relacionado com as artes.

Como ponto de partida para a consolidação deste espaço dedicado à cultura, foram pensados vários momentos. Uma peça volumétrica fundamental para a constituição da identidade do parque, para a unificação paisagística de toda a área e para a definição de uma zona de transição entre o parque e a vila; o mercado municipal; a confirmação da existência da Capela e do seu espaço envolvente; a identificação e o contacto com a cultura intrínseca às actividades primárias características da vila. (ver Apêndices – Planta de Cobertura)

A peça volumétrica, uma incubadora de artes, faz a transição entre a Rua Comandante Henrique Bebiano Neves e o parque. A sua cobertura, ao nível da rua é transitável, pavimentada e ajardinada, criando um espaço de contemplação. O seu extremo norte apresenta-se como uma rampa num acesso directo ao parque. No extremo sul, junto aos prédios de habitação colectiva ergue-se um edifício estreito e elevado, que supera



59| Relação entre os diversos momentos do Parque Cultural e a envolvente mais próxima. Imagem dos elementos gráficos – corte C - produzidos.

ligeiramente a altura dos edifícios existentes, resolvendo a empena deixada por estes. (ver Apêndices – Perfil C) A sua utilização passará por TO para artistas e professores convidados. A entrada ao nível da rua possibilita a passagem para estas residências e para um auditório à cota do parque. A incubadora, propriamente dita, com os seus ateliers e espaços de exposição e diálogo, abre-se para o parque através de um pátio à cota deste. (ver Apêndices – Corte C)

O espaço onde se realiza o mercado constitui uma infra-estrutura fundamental deste parque. Como só virá a funcionar uma vez por semana, serve de argumento para a construção de um espaço de lazer, de uso durante os dias que não existe mercado. Pensado a partir de um jogo de blocos, neste caso em pedra, com diferentes alturas, é um espaço onde, nos restantes dias, nos podemos sentar a ler um livro, a conversar, a contemplar, a relaxar, etc.

A confirmação da capela aqui existente consta doutro ponto, talvez um dos principais para a identificação com este parque e com a vila. A Capela de Santo António foi durante anos, um símbolo da chegada a Góis e com o desenvolvimento sofrido no último século, esta tende a perder-se entre as reabilitações e habitações edificadas.

Os circuitos pedonais e cicláveis que rasgam o verde deste parque fazem a ligação entre os diversos momentos, com o parque da margem esquerda e com a vila. Quando este percurso cruza a Rua Stanley Mitchell adquire o carácter único de ciclovia, com dimensões mais reduzidas. O espaço do peão é garantido pelo passeio já existente.

O espaço do automóvel e a sua visualização são isolados fortemente do parque. A incubadora cria uma barreira a um estacionamento automóvel já existente. E um agora proposto de apoio ao mercado municipal afasta-se do parque através de um muro-fonte. Este parque cultural distancia-se, aos poucos do rio, mas retoma uma relação com a água neste ponto, sendo que esta também constitui uma excelente barreira visual e sonora.

Outro aspecto relacionado com a cultura presente neste parque são espaços demonstrativos de culturas primárias inerentes às vivências da vila. Quiosques



61| Parque Cultural - Incubadora de artista - vista da Rua Comandante Henrique Bebiano Neves.



62| Parque Cultural vista da Avenida Engenheiro Álvaro de Paula Dias Nogueira.

expositores e de venda de produtos endógenos, como broa, mel, etc. Nestes espaço os utentes podem aprender a fazer e/ou comprar estes produtos.

A Estratégia Global . O Todo

A continuidade, a mobilidade, a boa acessibilidade, o desenho do espaço público de modo a fazer desta vila um espaço de vivência é uma constante neste projecto estratégico.

A proposta dá primazia aos percursos pedonais e cicláveis como forma de permitir disfrutar dos *motivos de interesse cénicos e ambientais que se encontram*⁶³.

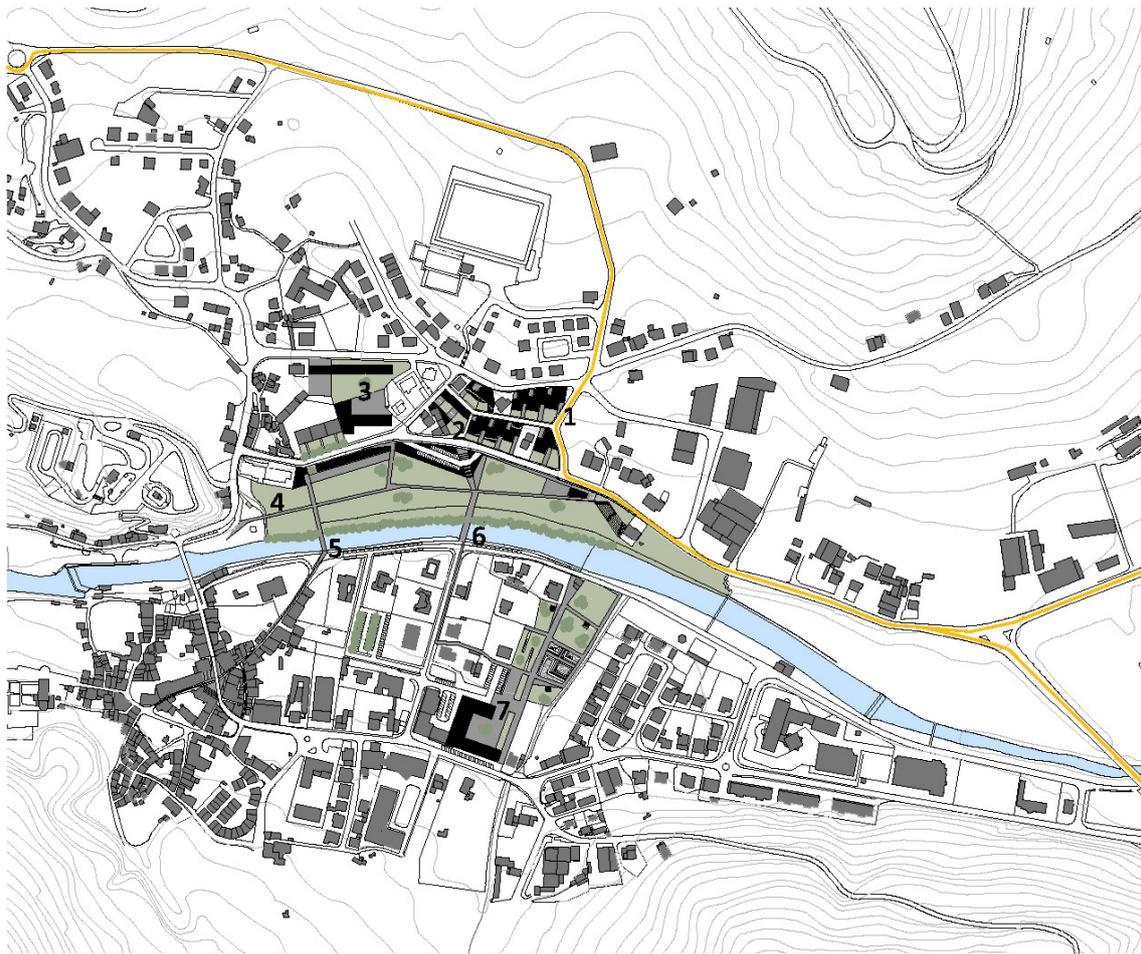
Os momentos apresentados foram pensados em conjunto e em relação com o tecido urbano da vila, com o todo.

Inicialmente o projecto pretendia criar uma nova centralidade na margem esquerda do rio Ceira, mas cedo se percebeu que esta por si só não resolveria o problema de descontinuidade presente um pouco por todo o tecido urbano de Góis. Tornou-se fundamental que este tomasse as proporções de um projecto estratégico e se propusesse a pensar os grandes vazios centrais, evidenciando que ainda é possível reinventar Góis, possibilitar-lhe uma lógica de planeamento de forma a garantir-lhe condições para uma boa qualidade de vida.

A estratégia de intervenção visa apropriar-se das características intrínsecas do sítio, para que Góis cresça completando-se. A sustentabilidade dos núcleos urbanos passa pela não dissipação de fluxos, pelas proximidades e na facilidade nos acessos.

Os parques, os equipamentos, os novos acessos com as suas valências estabelecem uma unificação formal e funcional que se expande e se relaciona com todo o tecido urbano da vila.

⁶³ PROAP – Parque de São Romão. [em linha] WWW: http://www.proap.pt/site/L_por/projectos/saoromao_1.html



60 | Planta de Implantação . Escala 1/8000

- 1. Nova Via 2. Residências 3. Equipamentos Hoteleiros 4. Parque da Vila
- 5. Articulação com o centro histórico 6. Articulação entre os núcleos mais recentes
- 7. Parque Cultural

■ Edificado existente ■ Edificado proposto ■ Rio Ceira



A solução apresentada promove novas relações da vila com o rio, permitindo ligações directas e desafogadas entre os vários centros e espaços de Góis. Apenas com a implantação de duas pontes, a mobilidade pretendida não apresentaria grande sucesso. Existiriam mais dois espaços de ligação funcional e continuariam a faltar espaços e percursos seguros. Todos os espaços propostos se completam, preenchendo o tecido da vila. É fundamental a estratégia urbana global de continuidade de e para ambas as margens.

O projecto assume e desenvolve uma nova centralidade urbana, estruturada em torno dos dois parques, com grande capacidade atractiva, espaços de encontro, indutores de fruição comunitária do espaço público e consequentemente do exercício de uma cidadania plena.

A diversidade de escolhas apresentadas nesta estratégia é a peça-chave para melhorar a mobilidade, para garantir a sustentabilidade da vila, para potenciar um novo dinamismo a Góis.

CONCLUSÃO

*uma cidade contemporânea é cada vez mais um espaço de fluxos e mobilidade de pessoas e actividades; e também que a qualidade dos espaços colectivos, com tudo o que eles comportam, são dos primeiros factores para a sustentabilidade da cidade presente.*⁶⁴

De um Góis estagnado no tempo a um Góis de grande explosão urbanística e, conseqüentemente, a um Góis sem perspectivas de futuro decorreram cerca de 30 anos.

A interrogação sobre a evolução da vila é uma constante no seu dia-a-dia, em debates promovidos pela Câmara Municipal e entidades responsáveis, etc. Quando se pretende criar novo, faz-se mais do mesmo!

A evolução, a expansão, não tem que passar pela ideia de crescimento. Um tecido compacto minimiza distâncias e incentiva os encontros dentro da cidade.

Para nos identificarmos com a cidade temos que nos sentir parte integrante da mesma e como tal, propôs-se uma estratégia que passa pelo que faz parte da vida de Góis. Um projecto estratégico no sentido de ser orientador do desenvolvimento urbano com implicações na qualidade de vida, competitividade económica, coesão social e sustentabilidade ambiental.

⁶⁴ PORTAS, Nuno - *Os tempos das formas: a cidade feita e refeita*, p.200.

A garantia da melhoria da qualidade de vida, a minimização das deslocações e as condições para uma boa mobilidade, a estabilidade social local e a promoção de um Góis cultural como lugar turístico, foram as principais preocupações de toda a estratégia. Para alcançar os resultados esperados, o projecto aproximou-se e apropriou-se da presença do Rio Ceira. Não só este – a sua água e as suas praias – resulta numa identificação com Góis, como resulta num espaço intermédio e central da vila, com forte características articuladoras, entre o centro histórico e posteriores áreas de crescimento, e a zona de expansão mais recente.

*A formulação e implementação do plano, a questão crítica consistirá na capacidade de o concretizar, garantindo a qualidade da estratégia (condições de mobilidade, qualificação ambiental, criação de identidades) e o investimento imobiliário adequado à viabilização económica do projecto, sem a qual os princípios de sustentabilidade no desenvolvimento [de Góis] continuam a ser postos em causa.*⁶⁵

Este projecto para Góis influencia o seu concelho. O dinamismo gerado na vila por esta proposta apresenta a capacidade de se expandir ao restante concelho. O incremento da população residente, o fluxo de pessoas, a promoção de actividades, etc.

O estudo sobre a formação urbana de Góis contribuiu na procura de sentido próprio da vila e permitiu organizar algumas memórias de experiência vivida para um futuro projecto.

Este trabalho constitui um contributo para a história urbana de Góis – a sua evolução – para uma maior racionalização da organização da vila e a melhoria da qualidade de vida da sua população.

O projecto com os seus edifícios, vazios e percursos pretende criar uma referência na identidade da vila. Que contribua tanto para guardar memória e criar afectividade como para servir de impulso a uma evolução diferente da Góis – sustentável!

⁶⁵ PORTAS, Nuno. *et al* – *Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades*, p.173.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Miguel Pires – *Planeamento urbano sustentável*. 2ªed. Casal de Cambra : Caleidoscópio.

ASCHER, François - *Metapolis: acerca do futuro da cidade*. Oeiras : Edições Celta, 1998.

ASCHER, François – *Novos princípios do urbanismo; seguido de Novos compromissos urbanos: um léxico*. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BRANDÃO, P.; REMESAR, A. – *O espaço público e a interdisciplinaridade*. Lisboa : Centro Português Design, 2000.

BUSQUETS, Joan; FERREIRA, Hélder - *Cidade Antiga e Novo Projecto Urbano: Viseu*. Porto : Edições Caixotim, 2007.

BYRNE, Gonçalo. *Geografias vivas : VI bienal internacional de arquitectura de São Paulo = Living geographies : VI international architecture biennial, São Paulo, Brazil*. Lisboa : Ordem dos Arquitectos, 2006

DOMINGUES, Álvaro - *A rua da estrada: o problema é fazê-los parar!*. Porto : Dafne Editora, 2010.

DOMINGUES, Álvaro - *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*. Lisboa : Argumentum, 2006.

FERNANDEZ, Sergio. *Percurso: a arquitectura portuguesa : 1930 - 1974*. 2ª ed. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988.

GESTLA, Anita - *Design de espaço público : deslocação e proximidade*. Lisboa : Centro Português de Design, 2003.

Gil, Júlio – *As Mais Belas Vilas e Aldeias de Portugal*. 2ª ed. Lisboa : Verbo, 1984.

GONÇALVES, Jorge Manuel – *Os espaços públicos na reconfiguração física e social da cidade*. Lisboa : Universidade Lusíada Editora, 2006.

LEAL, João - *Etnografias portuguesas (1870-1970) : cultura popular e identidade nacional*. 1ª Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

PORTAS, Nuno. et al. (Mendes, Manuel). *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta - anos oitenta*. Porto: Fundação Serralves, 1991.

PORTAS, Nuno. *Os tempos das formas : a cidade feita e refeita*. Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, 2005.

PORTAS, Nuno – *A cidade como arquitectura*. 2ª ed. Lisboa : Livros Horizonte, 2007.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades*. 2ªed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

RAMOS, João Nogueira - *O Concelho de Góis : ensaio de reconstituição da sua história (do século XII ao século XXI)*. Góis : Movimento Cidadãos por Góis, 2009.

RAMOS, Mário Paredes - *Arquivo historico de Gois : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Gois*. Torres Vedras, 1999. 1 e 2 Vol.

SALGUEIRO, Teresa Barata – *A cidade em Portugal: uma geografia urbana*. 2ª ed. Lisboa : Afrontamento, 1992.

WALTER, Rossa. *A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

WALTER, Rossa. OLAIO, António. *A Cidade e a Saúde*. Coimbra: Edições Almedina, 2007.

Periódicos

COSTA, Alves – *Notas Soltas sobra Arquitectura, História, Nostalgia e Construção*. In Arquitectura Ibérica – Requalificação Urbana. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Janeiro 2007, pp 05 – 09.

Teses e trabalhos académicos

BAPTISTA, Sofia Catarina Ribeiro. Pensar a Cidade, Agir no Campo: Proposta de intervenção para as margens periurbanas do Lis. Coimbra: 2009. Prova final de licenciatura em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, sob orientação do Prof. Luís Miguel Correia.

CARDIELOS, João Paulo - A construção de uma arquitectura da paisagem : a importância da relação, no projecto, entre as arquitecturas de detalhe e as escalas de intervenção e estruturação do território. Coimbra : [s.n.], 2009. Tese de Doutoramento em Arquitectura (Planeamento e Desenho Urbano) apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

CARDOSO, Filipa Alfaro. Waterfronts: Cidades de água. Coimbra: 2009. Dissertação para a conclusão de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentado ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, orientada por Professor Doutor Nuno Alberto Leite Rodrigues Grande.

CLARO, Vítor Manuel Mourisca. O concelho de Góis : esboço geográfico. Coimbra: Tese de licenciatura em Ciências Geográficas apresentada à FLUC, 1956.

ESPÍRITO SANTO, Teresa Raquel Carvalho do. Covilhã - Paisagem Industrial. Coimbra: [s.n.] 2010. Dissertação para a conclusão de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, orientada por Professor Doutor Arquitecto Pedro Maurício Borges.

FERREIRA, Margarida Sofia Rodrigues - Montemor-o-Velho interpretar e relançar : pensamento estratégico. Coimbra : [s.n.] 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Prof. Doutor João Paulo Cardielos.

FONSECA, Joana Rita Rodrigues. Histori[cidades] : reflexão sobre novas intervenções em contextos urbanos históricos. Coimbra : [s.n.], 2006. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2006.

MORAIS, Helena Margarida Machado - Um projecto (para a) cidade : Santarém. Coimbra : [s.n.], 2010. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Prof. João Paulo Cardielos.

PIMENTA, Luisa Ana Tavares de Matos – Cidade à margem: reaproximar a cidade ao rio. Coimbra : [s.n.], 2010. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Prof. Doutor João Paulo Cardielos.

SÁ, Ana Castilho Marques de. Um passeio pela Vila de Góis : subsídios para um roteiro do património cultural. Coimbra : Trabalho de Seminário de Património Cultural apresentado à FLUC, 2007.

SILVA, Sara Maria Bernardino da. Leira, Cidade do (Po)Lis: Análise da estratégia de revitalização da frente de água. Coimbra: [s.n] 2010. Dissertação para a conclusão de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, orientada por Doutor Mascarenhas Mateus.

SILVA, José João Duarte. Das Memórias ao Futuro - Reentrara a Cidade dos Espargos. Coimbra: [s.n.] 2010. Dissertação para a conclusão de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, orientada por Professor Doutor Arquitecto Pedro Maurício Borges.

SIMÕES, João Alves – Etnologia Portuguesa: Uma achega para o estudo geo-histórico-etnológico da freguesia de Góis. 1976. Acessível no Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sítios da Internet

Atlas da Paisagem do Vale do Rio Ceira [em linha] [Consult 10 Jan. 2012] em WWW: http://www.dueceira.pt/docs/publicacoes/58_atlaspaisagemrioceira.pdf.

COELHO, António Baptista - *Habitar com qualidade e urbanidade* [em linha] [Consult 26 Fev. 2012] em WWW:<http://www-ext.lnec.pt/GH-APPQH/Site/htm/textos.htm>.

ESTEVES, Ana – *A reabilitação de frentes de água como modelo de valorização territorial* [em linha] [Consult 20 Out. 2011] em WWW: http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/044.pdf.

FRANCISCO, Marlene Duarte - *ESPAÇO PÚBLICO URBANO: Oportunidade de Identidade Urbana Participada* [em linha] [Consult 20 Nov. 2011] Disponível em WWW: http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf

GRAÇA, Miguel Silva – *Espaços Públicos e Uso Colectivo de Espaços Privados* [em linha] [Consult 14 Abril 2012] em WWW:<http://ecultura.sapo.pt/Anexos/%C2%ABEspa%C3%A7osPublicos&Privados%C2%BB%20.pdf>

Município de Góis - *2.ª Alteração ao Regulamento do Plano Director Municipal de Góis*. [em linha] [Consult 20 Nov. 2011] em WWW: <http://www.cm-gois.pt/files/2534.pdf>

Município de Góis – *Planta de Ordenamento do PDM*. [em linha] [Consult. 2 Nov. 2011] em WWW: <http://www.cm-gois.pt/files/823.pdf>

PROAP – Estudos e projectos de arquitectura paisagística. [em linha] [Consult 22 Maio 2012] em WWW:<http://www.proap.pt/site/index.html>

Programa Polis [em linha] [Consult. 12 Dez. 2011] em WWW : <http://www.costapolis.pt/artigo.php?id=16101210&m=1>

River Cities [em linha] [Consult 20 Jan. 2012] em WWW:<http://www.river-cities.net/pages/images/photos>.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE INOVAÇÃO – *Plano Director de Inovação, Competitividade e Empreendedorismo para o Município de Góis*. [em linha] [Consult 15

Dez. 2011] em WWW : http://wwwa.uportu.pt/siaa/Regulamentos/Normas_Portuguesas1.pdf.

Turismo de Portugal – Escolas. [em linha] [Consult 12 Jan. 2012] em WWW: <http://escolas.turismodeportugal.pt>

Documentos Legislativos

Câmara Municipal de Góis – Regulamento do Plano Director Municipal “DR I-Série-B”, 79 (03-03-26).

Material Gráfico

Planta Geral da Vila de Góis. Góis: Câmara Municipal de Góis, 2009.

Fontes de Imagens

0| Fotografia do autor.

1| WWW:<http://estacaodesines.blogspot.pt/2010/12/concelho-do-litoral-alentejano.html> [Consult. 18 Jul.2012].

2| Bing Maps com posterior edição do autor.

3| Google Earth

4| RAMOS, Mário Paredes - Arquivo historico de Gois : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Gois. 1 Vol. Imagem XXXVII

5| WWW:http://2.bp.blogspot.com/_imlDF-74gqc/SudWm70BS1I/AAAAAAAAAK7M/VvDdA96BC5A/s1600-h/Gois+property++0008.JPG [Consult. 16 Nov. 2011], com posterior edição do autor.

- 6| RAMOS, Mário Paredes - Arquivo historico de Gois : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Gois. 1 Vol. Imagem XVI
- 7| Ibidem. Imagem XVII.
- 8| Elementos gráficos elaborados pelo autor.
- 9 a 12| Fotografia do autor.
- 13| Elementos gráficos elaborados pelo autor.
- 14| Fotografia do autor.
- 15| Elementos gráficos elaborados pelo autor.
- 16| RAMOS, Mário Paredes - Arquivo historico de Gois : revista de história, etnologia e regionalismo do Concelho de Gois. 1 Vol. Imagem II
- 17| Ibidem. Imagem III.
- 18| RAMOS, João Nogueira - O Concelho de Góis : ensaio de reconstituição da sua história (do século XII ao século XXI), p.160.
- 19| Imagem do autor.
- 20 a 22| Elementos gráficos produzidos pelo autor.
- 23| Google Earth com posterior edição do autor.
- 24| Elementos gráficos produzidos pelo autor.
- 25| Fotografia do autor.
- 26| Fotografia do autor
- 27| WWW:<http://www.feriasemportugal.pt/galerias/?cat=133®iao=3&distrito=2concelho=> [Consult. 12 Jul. 2012]
- 28| WWW: <http://nebm.ist.utl.pt/news/categoria/7> [Consult. 12 Jul. 2012].
- 29| Elementos gráficos produzidos pelo autor.

- 30| Google Earth com posterior edição do autor.
- 31| WWW: <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=150687844988255&set=a.150681511655555.33820.119053351485038&type=3&theater> [Consul. 14 Jul. 2012].
- 32| WWW: http://pintaraovivo.blogspot.pt/2009_11_01_archive.html [Consult. 14 Jul. 2012].
- 33| Google Earth com posterior edição do autor.
- 34| WWW: http://goisvive.blogspot.pt/2009_07_01_archive.html [Consult. 14 Jul. 2012].
- 35| Fotografia do autor.
- 36| Elementos gráficos produzidos pelo autor.
- 37 a 44| Fotografias do autor.
- 45| Google Earth com posterior edição do autor.
- 46 a 49| Elementos gráficos produzidos pelo autor.
- 50| Fotografia do autor.
- 51| Elementos gráficos produzidos pelo autor.
- 52 e 53| Fotografias do autor.
- 54| WWW:<http://goisvive.blogspot.pt/2008/10/gis-vestida-de-inverno.html> [Consult. 14 Abril 2012].
- 55 a 57| Fotografias do autor.
- 58 a 60| Elementos gráficos produzidos pelo autor.
- 61 e 62| Fotografias do autor.

APÊNDICES

Componente Gráfica

Evolução do tecido urbano de Góis . Escala 1/6000

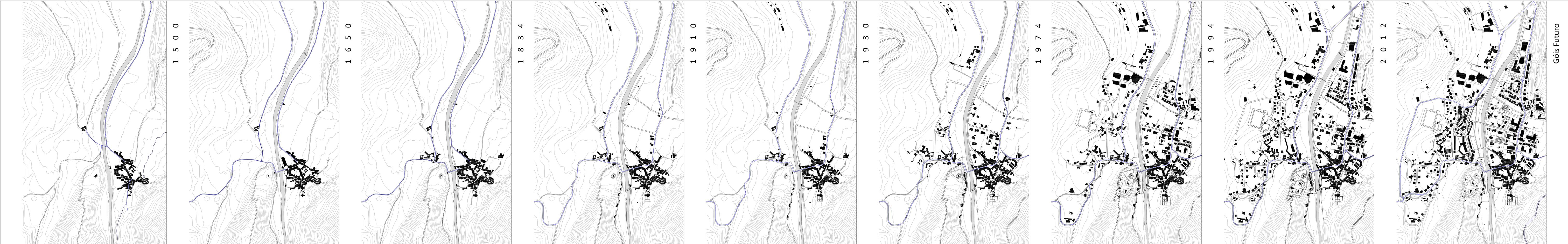
Planta de implantação . Escala 1/4000

Planta de cobertura . Escala 1/1000

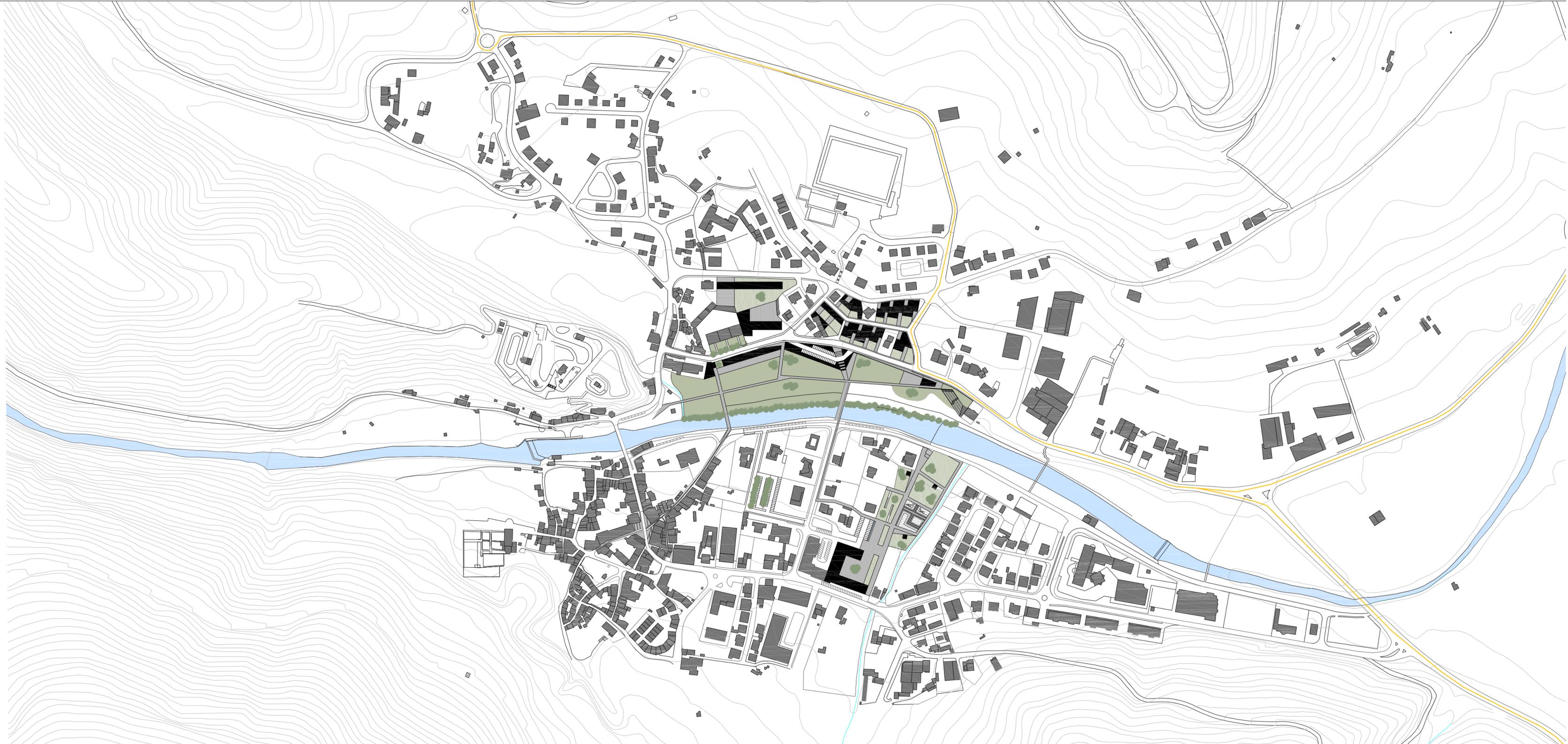
Planta de contacto com o solo . Escala 1/1000

Perfis . Escala 1/1000

Cortes . Escala 1/500



legenda
 Edificado Principais Acessos Rio Ceira Cursos de Água



legenda

- Edificado existente
- Edificado proposto
- Atravessamento Previsto

Planta de Implantação

1/4000





legenda
 1.Hotel e Health Club 2.Escola de Hotelaria e Turismo 3.Bares | Restauração 4.Equipamento Desportivo 5.Habitação
 6.Auditório 7.Museu | Restauração 8.Quiosque expositivos e de venda 9.Mercado 10.Incubadora de Artistas
 11.Residências 12.Estacionamento

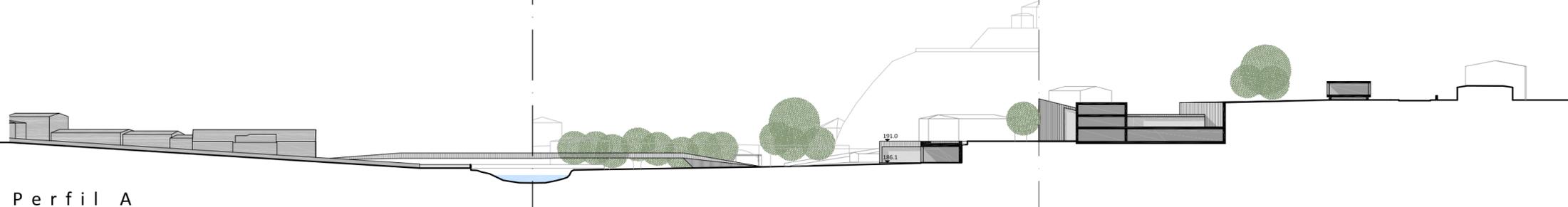
Planta de cobertura

1/1000

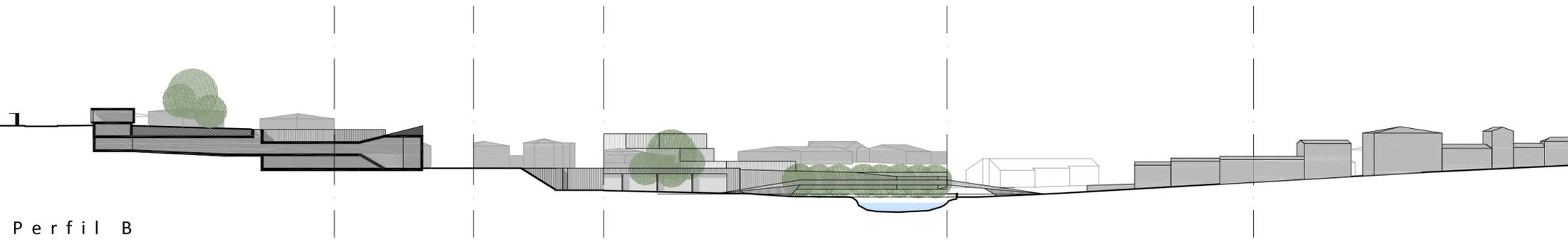




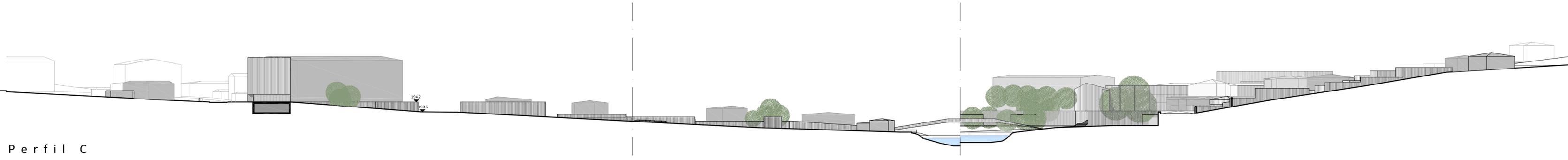
Perfil A



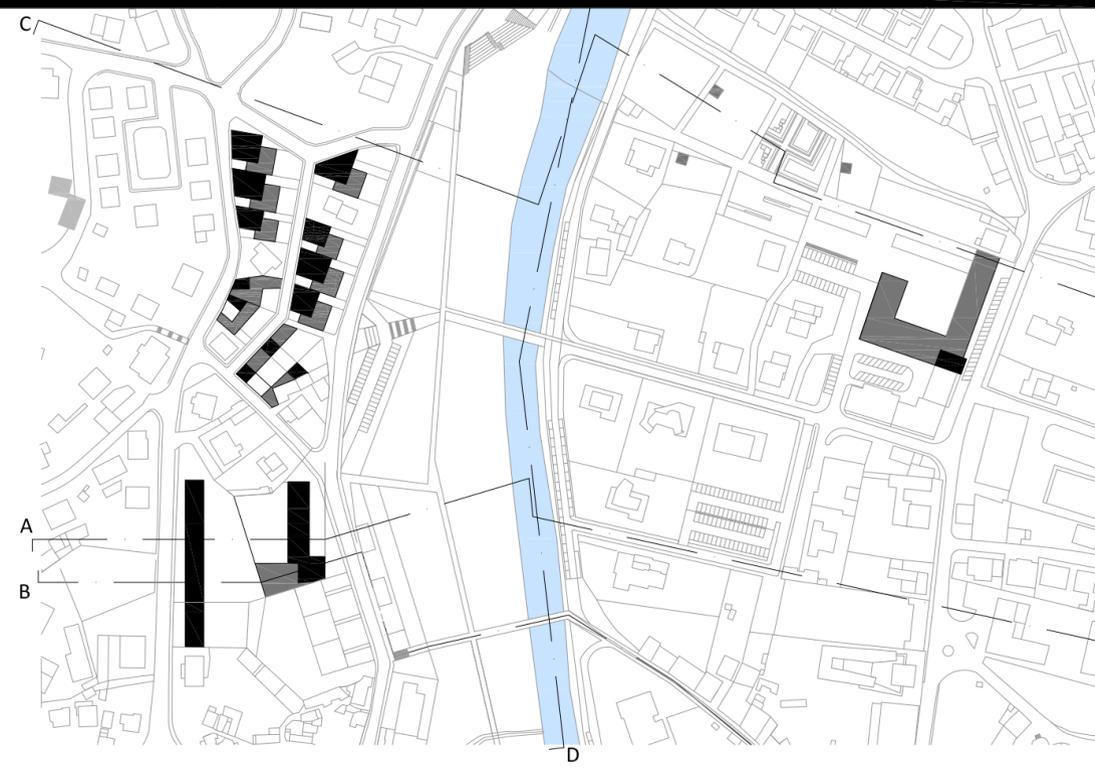
Perfil B



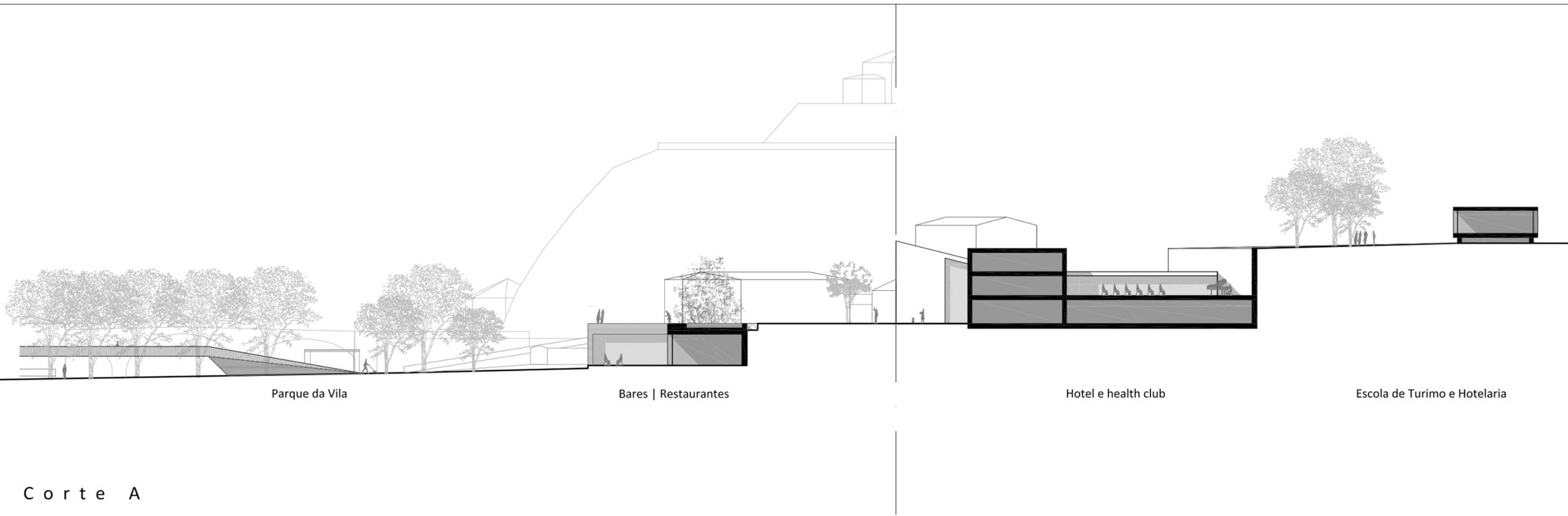
Perfil C



Perfil D



Corte A



Corte C

